

UNIVERSIDADE FEEVALE

GABRIELA SANTOS

A JOIA COMO ELEMENTO DE INSPIRAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE
UMA COLEÇÃO DE CALÇADOS

NOVO HAMBURGO

2010

GABRIELA SANTOS

A JOIA COMO ELEMENTO DE INSPIRAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE
UMA COLEÇÃO DE CALÇADOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em Design
com Habilitação em Calçados e
Acessórios pela Universidade Feevale.

Professor Orientador: Marina Seibert Cezar

Novo Hamburgo

2010

GABRIELA SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso de Design com Habilitação em Calçados e Acessórios, com título: A Joia como elemento de inspiração para o desenvolvimento de uma coleção de calçados, submetido ao corpo docente da Universidade Feevale, como requisito necessário para obtenção do Grau de Graduação em Design com Habilitação em Calçados e Acessórios.

Aprovado por:

Professora Marina Seibert Cezar
Professor Orientador

Professor Cezar Augusto Metz
Banca Examinadora

Professor Atalábio Antonio Muller
Banca Examinadora

Novo Hamburgo, junho de 2010

RESUMO

O presente trabalho apresenta a proposta do desenvolvimento de uma coleção de calçados com valor agregado, tendo como tema de inspiração, as joias, utilizando de elementos percebidos através de dados históricos, materiais e processos do seu desenvolvimento, além influências culturais, sociais e de moda, a fim de obter um entendimento abrangente sobre o tema. Num primeiro momento será realizada uma pesquisa bibliográfica referente ao assunto em foco, além de pesquisa de imagens, com a finalidade de auxiliar na compreensão das informações coletadas ao longo do trabalho. Uma parte deste dedica-se ao luxo, como conceito da proposta a ser desenvolvida e relacionando-o diretamente com o tema. Num segundo momento será desenvolvida uma coleção de calçados femininos inspirados na joia, utilizando-se de elementos de importância e destaque, para a criação de uma coleção de calçados.

Palavras-chave: Calçado. Joia. Luxo. Desejo.

ABSTRACT

This paper presents the proposal to develop a footwear collection with added value, with the theme of inspiration, jewels, using the elements perceived by the historical data, materials and processes of their development, and cultural influences, social and fashion in order to obtain a comprehensive understanding on the subject. Initially there will be a literature on the subject in focus, and image search, in order to help understand the information collected during the work. Part of this is dedicated to luxury as a concept of the proposal to be developed and linking it directly with the issue. In a second time it has a women's footwear collection inspired by the jewel, using elements of importance and emphasis, to create a shoe collection.

Key words: Footwear. Jewel. Luxury. Desire.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Colar pré-histórico feito de conchas.....	14
Figura 2- Joia de proteção.....	15
Figura 3- Amuleto em forma de escaravelho.....	16
Figura 4- Adorno egípcio.....	16
Figura 5- Máscara mortuária egípcia, em ouro, vidros coloridos, cornalina e lápis-lazúli.....	17
Figura 6- Peça da joalheria grega.....	18
Figura 7- Bracelete romano.....	18
Figura 8- Joia Indiana.....	19
Figura 9- Colar irlandês em relevo.....	20
Figura 10- Crucifixo bizantino do século X.....	21
Figura 11- Pendente do século XVI. Figura de um tritão, em pérola, ouro, diamantes e rubis.....	22
Figura 12- Laços de ouro branco com diamantes, estilo Barroco.....	23
Figura 13- Brincos com lapidação em formato de rosa.....	23
Figura 14- Joia no estilo Rococó.....	24
Figura 15- Bracelete em forma de serpente.....	25
Figura 16- Broche com retrato.....	25
Figura 17- Pregador em forma de libélula, de René Lalique.....	26
Figura 18- Peça de René Lalique em ouro, madrepérola, vidro e diamante.....	26
Figura 19- Peça geométrica no estilo Art Déco.....	27
Figura 20- Coco Chanel e seus colares de pérolas.....	28
Figura 21- Colar de arame farpado, inspiração punk.....	29
Figura 22- Pulseira em ouro e acrílico.....	30
Figura 23- Anel em ouro e madeira.....	30
Figura 24- Pulseira em prata e fios de lã.....	30
Figura 25- Brinco exclusivo produzido por Celso Dornelles.....	39
Figura 26- Pingente de coração.....	42
Figura 27- Pingente de flor.....	42
Figura 28- Alianças em ouro amarelo, produzida por Celso Dornelles.....	43
Figura 29- Coroa.....	44

Figura 30- Corrente	45
Figura 31- Cruz	46
Figura 31- Ouro puro	49
Figura 33- Sino de prata.....	50
Figura 34- Prata pura	50
Figura 35- Gemas coloridas	51
Figura 36- Peça com pérolas de diversas cores	52
Figura 37- Diamante em lapidação brilhante.....	53
Figura 38- Colar todo de pedras em cravação com garras, em desenvolvimento.....	55
Figura 39- Colar pronto	55
Figura 40- Anel com cravação inglesa	56
Figura 41- Cravação pavê	56
Figura 42- Cravação pavê	56
Figura 43- Cravação pavê	56
Figura 44- Cravação Carré.....	57
Figura 45- Anel com cravação bigodinho, autoria de Mariana Cidade	58
Figura 46- Anel gravado – Francesca Romana.....	58
Figura 47- Laminação manual de chapa	59
Figura 48- Laminação manual de fio	59
Figura 49- Fieiras	60
Figura 50- Processo de trefilação: fio de metal sendo passado na fieira	60
Figura 51- Matrizes de estamparia.....	61
Figura 52- Bracelete de prata esmaltado	62
Figura 53- Processo de cinzelamento	63
Figura 54- Brinco de argola feito por eletroformação	63
Figura 55- Soldagem de uma peça em prata	64
Figura 56- Etapas do processo de fundição	65
Figura 57- Etapas do processo de fundição	65
Figura 58- Etapas do processo de fundição	65
Figura 59- Peças em cera	66
Figura 60- Árvore de metal.....	66
Figura 61- O mesmo anel em cera e em ouro, depois de pronto	67
Figura 62- Etapas do processo de polimento	67
Figura 63- Etapas do processo de polimento	67

Figura 64- Etapas do processo de polimento	67
Figura 65- Pantera ícone da marca Cartier	69
Figura 66- Audrey Hepburn em “Bonequinha de Luxo”, usando um colar de pérolas Tiffany	70
Figura 67- Anel Serpent Bulgari, com cravação pavê	71
Figura 68- Broche com cravação calibré de safiras e diamantes de Van Cleef & Arpels	72
Figura 69- Anel H.Stern, em ouro amarelo e pedras brasileiras: citrino e quartzo rosa	73
Figura 70- Sandália confeccionada em ouro amarelo	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 HISTÓRIA	14
2 LUXO	33
3 O SIMBOLISMO E OS SIGNIFICADOS DAS JOIAS	40
3.1 GARGANTILHA	42
3.2 ANEL E ALIANÇA	43
3.3 COROA	44
3.4 CORRENTE	45
3.5 CRUZ	45
4 MATERIAIS	47
4.1 OURO	48
4.2 PRATA	49
4.2 PEDRAS	50
5 PROCESSOS DE FABRICAÇÃO	54
5.1 CRAVAÇÃO	54
5.1.1 Cravação com Garras	55
5.1.2 Cravação Inglesa	55
5.1.3 Cravação Pavê	56
5.1.4 Cravação Carré	57
5.1.5 Cravação Bigodinho	57
5.2 GRAVAÇÃO	58
5.3 LAMINAÇÃO	58
5.4 TREFILAÇÃO	59
5.5 ESTAMPAGEM	60
5.6 ESMALTAÇÃO	61
5.7 CINZELAMENTO	62
5.8 ELETROFORMAÇÃO	63
5.9 SOLDAGEM	64
5.10 FUNDIÇÃO	64
5.11 FUNDIÇÃO POR CERA PERDIDA	65
5.12 POLIMENTO	67
6. GRANDES MARCAS DA JOALHERIA	68
6.1 CARTIER	69
6.2 TIFFANY & CO	69
6.3 BULGARI	70
6.4 VAN CLEEF & ARPEL	71
6.5 H.STERN	72
7. JOIAS PARA OS PÉS	74

CONCLUSÃO	76
REFERÊNCIAS.....	78

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como pretensão, abordar a joia enquanto adorno e suas significações sociais, uma vez que a percebemos como amuleto, usada pelo homem a muito tempo na história da humanidade como objeto de proteção, ou apenas como adorno, com o único intuito de adornar e enfatizar a beleza, senso assim, ela vem ajudando a contar a história da sociedade e seus valores estéticos. Além disso, percebemos sua importância como complemento da moda ao longo do tempo, onde mesmo não havendo mais um ritual para seu uso, ela ainda é utilizada por questões simbólicas e sentimentais, transformando-se em patrimônio de história e sentimento, além de persistirem como símbolo de luxo e sofisticação.

Segundo Celso Dornelles (200-?), “muitas vezes, o estudo das jóias, consegue reconstituir melhor a história do homem através de suas crenças e superstições, costumes, estrutura econômica e conhecimentos tecnológicos do que outros materiais menos duradouros”, e é partindo deste sentido que este estudo mostra-se pertinente. Tentaremos compreender melhor este assunto que se mostra tão interessante e próximo da história do homem, e ao mesmo tempo, tão pouco abordado.

Na realização desta pesquisa, discriminaremos em oito capítulos, onde inicialmente, abordaremos a história da joalheria de um modo amplo, com a finalidade de analisar a joia como um todo, argumentando seu uso desde a pré-história até os dias atuais, detalhando momentos e principais estilos no decorrer da história.

Num segundo momento, falaremos um pouco sobre o luxo, definido-o segundo diferentes autores, relacionando-o com o tema escolhido e conceituando o que é de fato a essência do luxo para o consumidor atual. Além disso, percebemos que a moda e a necessidade de customização fazem surgir um novo nicho da indústria do luxo, a joia exclusiva, ou joia de autor. Neste sentido, achamos pertinente então, abordamos um pouco sobre esse assunto. Deste modo, pode-se iniciar uma busca por sinais que indiquem variações entre as formas de se perceber o luxo em determinadas sociedades no decorrer da história aos dias de hoje.

No capítulo seguinte, faz-se um breve aparato no que diz respeito ao simbolismo das joias, contando o significado e o poder que cada uma representa, de acordo com estudiosos do ramo das artes, joalheria, semiótica e filosofia.

No quarto capítulo, abordaremos os materiais mais utilizados na fabricação de uma joia, como o ouro e a prata, considerados nobres. Além disso, falaremos também sobre as pedras e as pérolas, artigos de grande importância na construção e elaboração de uma peça.

Já num quinto momento, falaremos um pouco sobre os principais processos envolvidos no desenvolvimento de uma joia, tais como aspectos relacionados a sua produção, com o auxílio de imagens para uma melhor compreensão, pelo fato desses processos serem pouco conhecidos.

No sexto capítulo, citaremos algumas das principais grandes marcas da joalheria, onde daremos um breve embasamento sobre o surgimento de cada uma e os estilos que adotaram ao longo da história. Somados a isso, buscaremos identificar peças características de cada marca, além de elementos históricos marcantes no cenário evolutivo das mesmas.

E o sétimo, por fim, visa abordar as joias para os pés, falando sobre o uso de enfeites nos calçados, que ganham hoje o status de joias, ao serem adornados com pedras e metais. Damos alguns exemplos de marcas que utilizam desses acessórios em seus calçados, agregando valor ao seu produto e marcando seu estilo.

Nosso foco é traduzir o luxo, a beleza e a feminilidade das joias através de um produto de moda, o calçado, para assim conseguirmos relacionar a teoria com a prática. É importante lembrar que o foco será a contextualização geral do universo da joia como adorno, e por esta razão, em alguns momentos somente daremos pinceladas de assuntos que não se mostrarem tão pertinentes, a fim de uma abordagem mais completa do assunto como um todo e um melhor entendimento do tema central.

Para tanto, será feito um levantamento bibliográfico baseado em considerações de autores de diferentes áreas, que abordam assuntos relacionados as joias, ao luxo e a moda, que servirão de norte da pesquisa a ser apresentada. Esses levantamentos serão somados a entrevista feita com o Designer de Joias Celso Dornelles, a fotografias feitas em seu atelier e ainda, a pesquisas científicas

em sites oficiais das marcas de joias, uma vez que esta é uma fonte atualizada e de confiança.

É através dessas abordagens, que o estudo se complementará, uma vez que o tema joia já é algo específico. Adotaremos inúmeras imagens ao longo do estudo, com o objetivo de auxiliar na compreensão dos fatos e na proposta de desenvolvimento da coleção, procurando identificar elementos particulares que servirão de inspiração para o produto final.

Este estudo mostra-se importante, para assim, podermos realizar a segunda parte do trabalho – TCCII, que consistirá no desenvolvimento de uma coleção de calçados femininos de qualidade e riqueza estética, embasada em pesquisa de tendências, que segundo Treptow (2003, p.82),

[...] reside nos elementos que aparecem com mais frequência quando analisados lançamentos de estilistas diferentes. Logo, se vários apostam em um mesmo caminho, este tende a tornar-se moda, ou seja, a ser aceito pelo mercado.

Com este estudo, queremos enriquecer o meio acadêmico com informações de moda, no ramo do calçado e aprimorar as pesquisas sobre joias, como um elemento de design rico em valor histórico e cultural, contribuindo para que o universo dos ornamentos e acessórios de moda recebam a merecida atenção e reconhecimento.

1. HISTÓRIA

O primeiro capítulo analisa a joia ao longo da história, detalhando períodos e diferentes estilos, com a intenção de demonstrar a longa presença dos ornamentos na cultura humana.

Desde o início da humanidade, a joia esteve presente, tanto como um ornamento primitivo, quanto para proteção. Existente a aproximadamente 35 mil anos a.C., em materiais como ossos, penas, dentes de animais, pedras, sementes, conchas e madeira, era símbolo de poder, status e forma de expressão artística, desde as culturas primitivas, até as mais desenvolvidas.

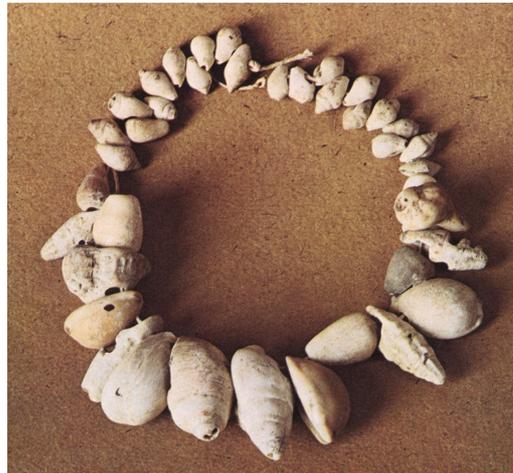


Figura 1 - Colar pré-histórico feito de conchas
Fonte: BLACK 1973

Holbeche (1999, p. 52) complementa dizendo:

De fato, é provável que o homem tenha pensado em ornamentar o seu corpo [...], muito tempo antes de começar a usar roupas. Os locais de sepultamento do homem pré-histórico revelam a presença de colares de dentes de leões e tigres, usados presumivelmente tanto como adorno como para adquirir a proteção animal. As pinturas de mulheres pré-históricas encontradas em paredes de cavernas apresentam surpreendentes peças de joalheria.

Observando objetos de arte antigos, onde a vida cotidiana dos povos era contada, pode-se perceber que peças de adorno como braceletes e pulseiras eram muito comuns, usados nos dois braços, antebraços, e inclusive nos tornozelos (MANCIBO, 2008).

Segundo Eliana Gola (2008), a jóia como adorno, está eternamente ligada aos desejos do homem e sua capacidade de construir novas linguagens e significados importantes para a elaboração da sua identidade, além de marcar momentos históricos no relacionamento de um indivíduo com determinado grupo.

Enfeitar-se é tentar seduzir. A sedução e a feminilidade estão, e estiveram sempre, em estreita correlação. No entanto, nas sociedades arcaicas e nas sociedades mais desenvolvidas, homens e mulheres, conjuntamente, fazem um uso cada vez mais refinado dos artifícios da apresentação pessoal. [...] Deste modo, o ser humano recorreu sempre aos artifícios, amou sempre os simulacros, às vezes arrostando as leis da natureza ou da simplicidade. Sua tentativa é uma procura perene de signos de reconhecimento, de distinção, perto de seu Deus ou perto de seus semelhantes (ALLÉRÈS, 2006, p. 53).

Na antiguidade, além de usar a joia como um ornamento decorativo, o homem também a usava como amuleto, acreditando ser um objeto detentor de poderes, uma forma de pedir proteção aos deuses. Segundo Mariana Magtaz (2008), cada joia possuía uma função, dando como exemplo os brincos, que tinham a função de proteger a cabeça.

Em diversas formas como chifres, trevo-de-quatro-folhas, figas, pimentas, olhos-gregos e santinhos, além de pedras preciosas ou semi-preciosas usadas nas joias antigas, essas eram associadas a determinadas energias e qualidades, servindo de proteção e visando fortuna e felicidade aos que as usassem.



Figura 2- Joia de proteção
Fonte: Autoria própria.

No Egito, a joia era usada como amuleto, entendida como uma espécie de talismã. A crença era tamanha, que os cidadãos que os possuíam, em especial os faraós, faziam questão de que as joias fossem enterradas juntamente com eles, para que assim, fosse tanto assegurada a inviolabilidade de seus corpos, quanto lhes

daria a garantia de uma vida perene além-túmulo. Pode-se perceber nas pesquisas, que as múmias usavam amuletos contra a “morte”, com o intuito de defesa pela vida eterna (GOLA, 2008). Segundo Pedrosa [200-?], esses amuletos tinham formas de esfinge, escaravelhos, olho do Deus Horus, nó de Isis, flor de Lótus e até mesmo de falcões, serpentes e escorpiões. Percebe-se assim, a força da crença que os egípcios tinham de uma vida após a morte, levando objetos de adorno para junto de seus túmulos, como forma de proteção.



Figura 3- Amuleto em forma de escaravelho
Fonte: [http:// www.joiabr.com.br](http://www.joiabr.com.br)



Figura 4- Adorno egípcio
Fonte: [http:// www.joiabr.com.br](http://www.joiabr.com.br)

Ainda se tratando dos egípcios, pode-se dizer que o ouro era muito usado por eles, tanto na fabricação de seus adornos pessoais, acompanhados de gemas, quanto na douração de sarcófagos, máscaras mortuárias e mobiliários de faraós. Howarth (1993) nos conta que esse povo valorizava as pedras preciosas mais pelas suas colorações e polimento do que pela sua raridade. Neste sentido, as gemas mais apreciadas por esse povo eram o lápis-lazúli, a cornalina e a turquesa.



Figura 5- Máscara mortuária egípcia, em ouro, vidros coloridos, cornalina e lápis-lazúli
Fonte: <http://www.joiabr.com.br>

Conforme nos conta Fontoura (2008), diamantes, esmeraldas, rubis e safiras eram chamadas de gemas clássicas, reservadas aos mais ricos, líderes religiosos e à nobreza, com o objetivo de demonstrar poder e riqueza. Tãmanha era a exclusividade, que no Egito, somente a Cleópatra podia usar esmeraldas durante seu reinado.

Segundo Helbeche (1999), as pedras preciosas sempre ocuparam um lugar de destaque na história da humanidade. Esse fascínio ocorre à séculos, em diversas culturas, onde os povos acreditavam que as gemas proporcionassem certos atributos a quem as carregassem junto ao corpo. Usadas como objeto de valor ou comércio, como símbolo de poder ou ainda como objeto de afeto, as gemas sempre carregaram uma grande carga de significados e mistérios, além de beleza e prestígio.

Esse encanto do homem pelas joias na antiguidade era tanto, que o ourives era muito bem visto pela sociedade, admirado pela sabedoria de manipular metais preciosos e técnicas sofisticadas, concebendo objetos impregnados de símbolos místicos e sagrados. Neste sentido, Magtaz (2008) nos lembra que toda família contava com seu ourives de confiança para confeccionar ou até mesmo reformar as joias da família.

Em contrapartida a joalheria egípcia, que se constituía de peças opulentas e pesadas, as joias gregas eram delicadas e graciosas. A delicadeza era algo quase inacreditável, considerando a limitação das ferramentas primitivas usadas na época, conforme pode-se perceber na figura 6.



Figura 6- Peça da joalheria grega
Fonte: <http://www.joiabr.com.br>

Neste sentido, pegamos emprestadas a palavras de Pedrosa (200-?):

A variedade, o luxo e a magnificência da joalheria grega alcançaram o seu clímax durante o Império Bizantino, entre os séculos X e XI [...]. O modo de vida luxuoso da corte bizantina, [...] era refletido em jóias fantásticas, em termos de design, técnicas de fabricação e elementos decorativos.

Já a joalheria romana possuía características naturalistas e figurativas. Em geral, os artesãos romanos não possuíam uma técnica tão sofisticada quanto a dos gregos, que era bem mais elaborada e detalhada. Safiras, águas-marinhas, topázios e diamantes eram muito utilizados na joalheria romana, porém suas gemas favoritas eram as esmeraldas, uma vez que podiam ser usadas acompanhadas de pérolas, também muito apreciada por eles.



Figura 7- Bracelete romano
Fonte: <http://www.joiabr.com.br>

Outro povo fascinado por joias desde os primórdios são os indianos, que há centenas de anos utilizavam como adornos pessoais materiais encontrados em abundância na natureza, além de ornamentos feitos em ouro, prata, cobre e marfim, combinados com gemas de diversas qualidades. Na Índia, conforme Pedrosa (200-

?), os ornamentos sempre foram utilizados em praticamente todas as partes do corpo, podendo variar entre às de cunho religioso até às de cunho puramente estético, repletos de significados. Suas peças são opulentas e bem carregadas, geralmente em ouro amarelo, com pedras coloridas, em diversas colorações.



Figura 8- Joia Indiana

Fonte: http://img.alibaba.com/photo/103653226/Indian_Jewelry.jpg

Dornelles (200-?) nos conta que ao contrário dos trabalhos artesanais de outras civilizações, os ornamentos irlandeses sempre possuíam características fascinantes, seja no que diz respeito a suas dimensões, geralmente exageradas, ou em a suas formas, geralmente complexas e extremamente geométricas. Entre as peças mais belas desse povo, podemos citar um exemplar em ouro, em formato de meia-lua com nervuras concêntricas em relevo e dois discos trabalhados, soldados em duas extremidades, (figura 9).



Figura 9- Colar irlandês em relevo
Fonte: BLACK, 1973.

Chegando na Idade Média, e se tratando da moda na época, o autor Sorcinelli (2008, p. 19) segue dizendo:

Na obscura Idade Média, panos entretecidos com fios de ouro, mantos finamente bordados em seda, [...] mangas ricamente decoradas com botões de prata, cândidos véus ponteados de iridescentes pérolas, criavam nas casas penumbrosas e nas estradas poeirentas, e cedo mergulhadas no crepúsculo, efeitos luminosos que atraíam, consolavam e agradavam não só às mulheres, mas também aos homens, sempre prontos a investir seus recursos e suas energias em roupas e ornamentos [...].

O mesmo autor afirma ainda que os ornamentos serviam para alegrar, comunicar riqueza e privilégio, atrair, marcar distâncias e indicar a qual grupo pertencia, além de gerar trabalho para comerciantes e artesãos.

Pedrosa (200-?) completa dizendo:

A grande maioria dos clientes do mercado de jóias e gemas medieval era formada por reis, príncipes, nobres, membros do alto clero católico, e ricos comerciantes. Mercadores e a grande maioria dos comerciantes possuíam relativamente poucas jóias e as gemas eram utilizadas como reserva financeira [...]. Já os reis, nobres e membros do clero utilizavam as jóias como adorno pessoal, como demonstração de munificência, para presentear e para validar acordos comerciais ou políticos.

Quanto às joias elaboradas na época, pode-se dizer que a maioria delas expressavam os ideais do cristianismo, tema central de praticamente toda a joalheria daquele período.



Figura 10- Crucifixo bizantino do século X
Fonte: GOLLA 2008.

Neste sentido, Soozí Holbeche (1999) afirma que as peças de joalheria apresentavam divindades e figuras mitológicas. Já Gola (2008) salienta que a lapidação facetada também foi um ponto alto da joalheria nesse período.

No final do século XIII e início do século XIV, as joias eram usadas apenas em grandes cerimônias e ocasiões especiais, por serem consideradas artigos de alto luxo. Nesse período, grandes joias reais, como coroas e diademas ganharam destaque, permitindo um toque charmoso ao penteado. Além disso, crucifixos e broches duplos ou alfinetes, de diversos tamanhos também eram muito utilizados na época. Gola (2008) complementa dizendo que as peças possuíam formas mais angulares e leves, substituindo as pesadas joias antigas.

Pode-se dizer então que a relação do homem com as joias não se limita apenas aos acessórios, ou peças de adorno, ela abrange também a questão da indumentária. Neste sentido, podemos citar a autora Liliane Mancebo (2008, p. 43), que afirma que

a aplicação de pedrarias e bordados em roupas pode ser vista tanto em figurinos religiosos, quanto nos figurinos da antiga nobreza. Também nos modelos de alta costura, ou mesmo nas roupas mais despojadas[...]. Esses enfeites têm geralmente, uma função decorativa luxuosa, de caráter artesanal e exclusivo[...].

Segundo Lipovetsky (2005), o fim da Idade Média e o período do Renascimento são marcados pelo forte consumo de joias. No Renascimento, que durou do século XV ao século XVII, as mulheres entrelaçavam fios de pérolas nos

cabelos ou colocavam adereços enfeitados no meio da testa. Além disso, usavam roupas em que pedras e perolas faziam parte dos bordados.

Nesse período, peças da joalheria eram decoradas com esmaltes e pedras preciosas, revelando um nível artístico equiparado a pinturas e esculturas, podendo ser colocadas acima de peças de arte.



**Figura 11- Pendente do século XVI. Figura de um tritão, em pérola, ouro, diamantes e rubis
Fonte: GOLA 2008.**

Nesse período, afirma D'Angelo (2006, p.48), que “frisava-se a valorização não só da matéria-prima dos objetos, como também da habilidade do artesão que os confeccionava. O que exigia, portanto, uma capacidade de apreciação diferenciada, superior a convencional.”

No final do Renascimento, ainda no século XVII surge o estilo Barroco, caracterizando-se por joias opulentas que empregavam grande quantidade de gemas em uma única peça. As joias, que até então eram caracterizadas pelo uso de gemas coloridas e esmaltes passam a ganhar uniformidade, explorando na maioria das vezes uma única gema na peça. Uma fase cheia de cores e formas, onde segundo Motta (2008), os laços eram elementos de grande presença, utilizados para decorar tanto vestimentas femininas quanto masculinas, aparecendo tanto em alfinetes para roupas ou chapéus, quanto em brincos ou pendants.



Figura 12- Laços de ouro branco com diamantes, estilo Barroco
Fonte: <http://www.portaldasjoias.com.br>

Conforme nos conta a autora Eliana Gola (2008), nesse mesmo período surgiram inovações no que diz respeito à lapidação de pedras. Uma delas foi a lapidação em formato de rosas, com múltiplas faces, corte muito delicado e romântico.



Figura 13- Brincos com lapidação em formato de rosa
Fonte: MAGTAZ 2008.

Formas de flores e pássaros eram bastante exploradas, e Corbeta (2007) nos conta que os artistas da joalheria fizeram um bom uso de vazados nas peças, o que fazia com que as joias parecessem verdadeiras rendas. Além disso, pérolas eram muito utilizadas nas peças desse período.

No século XVIII, as joias eram assimétricas e leves, se comparadas ao período anterior, onde reinavam os florais e os arabescos, no melhor estilo Rococó. É neste período que surge pela primeira vez a distinção entre a joia diurna e a

noturna, sendo mais práticas e com uma aparência mais leve a usada de dia e mais carregada e iluminada a da noite, feita especialmente para brilhar (KUROZAWA, 2006).



Figura 14- Joia no estilo Rococó
Fonte: <http://joiabr.com.br>

Embora o fato das mulheres serem o principal alvo dos joalheiros, os homens desse período também possuíam interesse em joias. Todos cavalheiros possuíam uma espada com punho esmaltado e adornado com joias, além de portarem adornos como relógios, anéis, correntes e acessórios complementares do vestuário, como broches brilhantes nas gravatas e botões detalhados nas camisas.

Pedrosa (200-?) comenta que em fins do século, até a metade do século seguinte, o estilo que reinava era o Neoclássico, onde o design das joias adaptava-se às severas linhas do estilo, com inspiração nos estilos grego e romano. As peças tinham imponência em meio à simplificação do modo de vestir e dos anos de mudanças políticas do período.

Ao longo do século XIX, a sociedade sofreu o impacto de grandes avanços tecnológicos, decorrentes da Revolução Industrial. Esses avanços fizeram com que as fábricas alcançassem maior nível de eficiência em seu desempenho de produção, onde muitos artigos, anteriormente fabricados à mão, perderam suas características artesanais e entraram numa linha de montagem rápida, com um custo reduzido. Foi através dessa produção em série que a joalheria alargou seu potencial de abrangência, tornando-se um objeto mais acessível.

Nesse período, medalhões em ouro e cristal, contendo os cabelos de um ente querido, usados como pendente ou em pulseiras, eram muito apreciados. Além

disso, serpentes eram muito usadas em braceletes e joias românticas com retratos em miniatura também eram muito populares na época.



Figura 15- Bracelete em forma de serpente
Fonte: BLACK, 1973.



Figura 16- Broche com retrato
Fonte: BLACK, 1973.

O final desse século foi marcado por uma época com profundas transformações culturais, chamada de *Belle Époque*¹, onde as joias eram usadas com o intuito de adornar e satisfazer a vaidade das mulheres.

Um dos maiores representantes deste movimento artístico e nome de grande destaque na joalheria da época foi René Lalique, descobrindo que “a natureza era fonte inesgotável de inspiração”. O artista conciliava “a elegância da moda com outras formas de arte decorativa” (GOLA 2008, p.100), criando peças com vivacidade e delicadeza, inspiradas na natureza, uma vez que fez surgir belíssimas formas, insetos, pavões, ninfas, mulheres aladas, entre outras formas exuberantes.

¹ Período considerado a era de ouro e da beleza, onde a arte tomava novas formas com o Impressionismo e a Art Nouveau. Começou no final do século XIX e durou até a Primeira Guerra Mundial.



Figura 17- Pregador em forma de libélula, de René Lalique
Fonte: CODINA 2000.

A arte, de todos os tipos, tomava novas formas, com o surgimento do impressionismo e do estilo Art Nouveau, caracterizado por suas formas assimétricas e orgânicas, inspiradas na fauna e na flora. “As composições florais evocavam a sensualidade delicada e suave da mulher, incorporando-a nas representações cênicas deste período” (GOLA, 2008, p.98).

Neste sentido, a joalheria desse período dava mais valor a criatividade e a estética das peças do que aos materiais utilizados, fazendo grande uso de artigos como marfim, madrepérola, vidro e a técnica de esmaltação. Segundo Pedrosa (200-?), por não serem jóias práticas para o uso, o estilo rapidamente desapareceu, por decorrência da Primeira Guerra Mundial, que exigia praticidade e simplicidade.



Figura 18- Peça de René Lalique em ouro, madrepérola, vidro e diamante
Fonte: <http://blogillustratus.blogspot.com/2010/03/historia-das-joias.html>

O período pós-guerra, de 1918 à 1930 foi marcado por um estilo puramente decorativo, denominado Art Déco. Visto como elegante e moderno, esse movimento

foi caracterizado por contrastes e diversas combinações de cores, traços retos e formas geométricas, sofrendo grande influência do Cubismo², do Abstracionismo³ e da Bauhaus⁴. O valor dos materiais utilizados na fabricação das joias não tinha muita relevância, sendo utilizados artigos diferenciados e mais baratos.

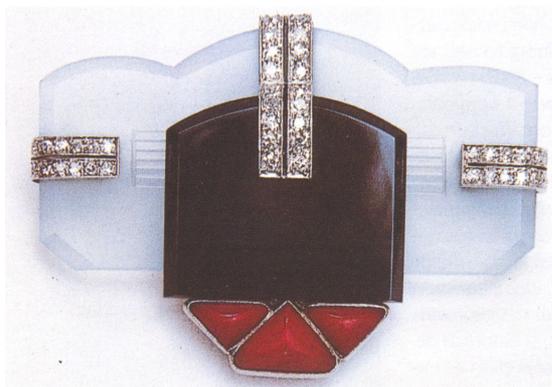


Figura 19- Peça geométrica no estilo Art Déco
Fonte: CODINA 2000.

Neste período reinavam as lapidações elaboradas e diferentes das tradicionais. Desta forma, Gola (2008) nos conta que entre as inovações da época nesse sentido, a mais importante foi a que se refere aos cortes das pedras, geralmente quadradas ou em corte *calibré*⁵, eram lapidadas para seguir o contorno de forma irregular.

O século XX foi um período de inúmeras transformações na joalheria. Fez-se uso de materiais menos nobres como plásticos e papéis, ou até mesmo sementes e madeira. Os designers abusavam da criatividade e ousavam nas formas das peças.

No fim dos anos 1930 e começo dos anos 1940 “a joalheria [...] recebeu o nome de coquetel, caracterizando-se pela mistura de temas e inspirações mundiais do século XX” (GOLA 2008, p. 107). Designers como Coco Chanel⁶ influenciaram a qualidade das joias de vidro, que estavam sendo produzidas em massa na época.

² Movimento artístico que tratava as formas da natureza por meio de figuras geométricas, representando todas as partes de um objeto no mesmo plano.

³ Estilo que não se prende a uma representação fiel da natureza.

⁴ Foi uma das primeiras escolas de Design, além de uma das maiores e mais importantes expressões do Modernismo.

⁵ Lapidação com dimensões específicas para se encaixar em engastes produzidos em escala industrial para joias.

⁶ Importante estilista francesa, nascida em 19 de agosto de 1883. Seu estilo ditou moda no mundo todo e suas criações influenciam a moda mundial até hoje.

Chanel surpreende [...] ao usar joias com seus trajes diurnos, o que nenhuma dama da sociedade inglesa teria ousado, a não ser com vestidos de baile: cascatas de colares de pérolas sobre a blusa da moda inspirada nos uniformes dos criados e, na boina de marinheiro, um broche de pedrarias. (EDMONDE, 2007, p. 246).

Introduziu o conceito de joia-fantasia, apresentando bijuterias, com o mesmo valor estético de joias verdadeiras e encorajando as pessoas a misturarem suas joias falsas com genuínas, sem perder o estilo e a elegância.

Sabe-se, de fato, que as joias foram abundantemente utilizadas e exaltadas por Coco Chanel, por sua função puramente ornamental. Por meio da profusão de joias volumosas, coloridas e superornamentadas, a decoração tridimensional, excluída da superfície do vestido, é retomada em nível diferente. (SORCINELLI, 2008, p. 104).



Figura 20- Coco Chanel e seus colares de pérolas
Fonte: EDMONDE 2007.

Na década seguinte, as linhas retas das joias foram suavizadas e ganharam formas mais voluptuosas e cheias de cores. Mariana Magtaz (2008, p. 134), comenta que nessa mesma década, no Brasil, era o auge da moda e da alta costura, onde “eram gastos metros de tecidos para confeccionar um vestido, [...], os sapatos eram de saltos altos, além das luvas e outros acessórios luxuosos, como peles e joias.”

Conforme Pedrosa (200-?), após a Segunda Guerra Mundial, as transformações ocorridas na indumentária foram muito significativas, influenciando a arte da joalheria, que se adaptou a uma clientela que comprava peças não só para o uso, como também para investimento.

Nos anos 1950, sob uma perspectiva modernista, artistas e artesãos passaram a desenvolver as joias através de expressões pessoais, da mesma forma que se desenvolviam as artes.

Codina (2000, p. 10) firma que

A jóia enquanto arte começou a desenvolver-se em meados dos anos 50, como uma via de expressão pessoal tanto para o criador como para o portador da jóia, retomando o espírito renovador de princípios do século, e a qual teriam acesso apenas umas minorias.

De acordo com a mesma autora, na década seguinte, a moda surgiu com características naturalistas acentuadas, com influências orientais e de etnias variadas. Era o começo da onda hippie: a joia indiana era a grande sensação, onde reinavam brincos dourados, colares com pequenos sinos, joias opulentas, ricamente coloridas e esmaltadas.

Na década de 1970, segundo Gola (2008), os joalheiros faziam uso de novos materiais, como titânio e resina de poliéster, tanto por razões estéticas, quanto pelo alto custo do ouro. No final da década, houve um revival do estilo Art Déco, que conduziu o design a características aerodinâmicas, com formas geométricas e extremidades levemente arredondadas. O estilo punk teve uma breve passagem por essa década, trazendo uma imensa variedade de joias populares, com sugestões violentas, como arames farpados e pregos.



Figura 21- Colar de arame farpado, inspiração punk
Fonte: GOLA 2008

No Brasil, nessa mesma década, de um lado estavam as joias de autor, desenhadas e fabricadas artesanalmente por poucos artistas, e de outro, algumas empresas produziam manualmente peças especiais em escala industrial, de boa

qualidade, mas com um grau de design relativamente baixo, além de um grande número de produtores ofertando cópias de peças de origem estrangeira, sem nenhum valor criativo agregado ao produto.

De acordo com Gola (2008), em contrapartida a isso, nos anos 1980, houve uma grande onda romântica, onde as joias eram mais femininas e delicadas, fazendo muito uso de pérolas, tanto verdadeiras quanto falsas, de diversas cores e formas, que acabaram marcando a época.

Conforme nos conta Codina (2000, p.11), “entre 1980 e os finais dos anos 90, a joalheria comercial perde as conotações de ostentação e riqueza, generalizando-se o gosto pelas joias de ouro e pedras preciosas de desenho simples, mas elegante.”

Vale lembrar que em meados do século XX, surge a figura do designer, onde até então o trabalho de confecção de jóias era feito apenas por ourives. Conceitualmente, o designer surge quando a fabricação deixa de ser um processo realizado inteiramente por artesãos, e passa a haver um projeto antes da fabricação. Assim sendo, esse projeto é feito pelo designer e o ourives passa a executá-lo. Segundo Rosa (2006), com o início dessa nova etapa, e o surgimento de uma nova figura, nascem novas idéias e conceitos, além da utilização de novos materiais na execução das peças, conforme podemos observar exemplos nas figuras 22, 23 e 24.



Figura 22- Pulseira em ouro e acrílico
Fonte: MAGTAZ, 2008



Figura 23- Anel em ouro e madeira
Fonte: <http://www.natan.com.br>



Figura 24- Pulseira em prata e fios de lã
Fonte: MAGTAZ, 2008

No século XXI, a joalheria moderna está voltada para o design e novas tecnologias, independente do material empregado, o importante são as técnicas de fabricação, a expressão de estilo, a beleza e o conceito inserido nas peças.

O desenvolvimento tecnológico trouxe como benefício para a joalheria ferramentas e máquinas de precisão, que aprimoraram a qualidade dos produtos, substituindo processos artesanais de fabricação por técnicas industrializadas. Hoje, com essas novas tecnologias, a máquina substitui a participação direta do homem na construção de determinadas peças, porém algumas técnicas desenvolvidas há milhares de anos, ainda são empregadas na produção de joias na atualidade.

De acordo com Gloria Corbetta (2007, p.111), “hoje, com a massificação da indústria, o grande diferencial são os produtos com certidão de nascimento, característicos da cultura de onde são concebidos”. A autora enfatiza ainda que “o produto tem que ter significado”.

Ao analisarmos a joia ao longo de sua história, percebe-se que esse gosto por metais e pedras preciosas torna-se mais evidente a cada período, ao longo dos tempos. Além disso, podemos perceber que as joias que usamos atualmente tiveram uma evolução se comparadas com as de antigamente, porém, os elementos básicos continuam sendo os mesmos. As maiores mudanças são em relação a moda e a determinantes históricas e sociais.

Faggiani (2006), pesquisadora dos bens de luxo no Brasil, ao tratar da percepção do consumidor pela joia contemporânea, afirma que hoje, o que especifica uma jóia não é mais o conjunto de materiais intrínsecos, e sim, a capacidade criativa do seu autor na concepção de uma idéia, enfatizando outros valores além do monetário. Ela afirma que nos anos 1990, destruiu-se a idéia de luxo como conceito ligado somente à riqueza, entendendo-se o luxo como um prazer para a alma.

Segundo pesquisas realizadas pelo IBGM⁷ (2006)

a aproximação da joalheria com o universo da moda traz um ganho evidente ao setor, ao abrir todo um leque de produtos renováveis com a estação [...], que oscilam ao sabor das tendências, combinando com as inspirações, temas, formas e cores que os criadores de roupas e acessórios põem em evidência.

Atualmente, as empresas do ramo joalheiro já reconhecem que desenvolver joias levando em conta as tendências e os movimentos da moda é uma forma de valorização do seu produto perante o consumidor. A cada momento, as tendências de moda apresentam os temas e a cartela de cores que estarão em evidência para a próxima estação, e cada uma dessas áreas aplica essas tendências aos seus

⁷ Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos.

produtos. E a joalheria já está fazendo parte deste grupo, trabalhando a cartela de cores através da diversidade cromática das pedras e das diferentes tonalidades do ouro.

Desta forma, percebe-se que as mudanças periódicas das tendências de moda e do jeito de vestir influenciam no uso dos ornamentos, porém, a moda tem uma vida curta e passageira, as joias permanecem por mais tempo, consideradas como produto de arte ao longo da história. Neste sentido, Gloria Corbetta (2007, p.109) comenta que “a arte sobrevive ao tempo, ao contrário da moda, que tão logo consumida é descartada.” Segundo ela, “uma joia com inspiração artística jamais será derretida, passará de geração em geração, sendo sempre atual e pronta para ser usada”. Pode-se dizer então, que a moda vem e vai, mas a arte e o processo criativo é eterno.

2. O LUXO

Este capítulo dedica-se ao luxo e suas manifestações através da história, além de sua contextualização e da maneira como ele é percebido pelas sociedades ao longo dos tempos. Esses conceitos servirão como base para a elaboração da proposta de coleção desse trabalho, juntamente com os elementos de inspiração, visando a perfeita sintonia entre o tema e o produto final.

E assim sendo, achamos prudente iniciar este capítulo definindo o luxo através de diferentes pontos de vista, para após, relacioná-los. O dicionário Aurélio da língua portuguesa (FERREIRA, 2004, p. 342), explica que o luxo é o "modo de vida caracterizado por grandes despesas supérfluas e pelo gosto da ostentação e do prazer; fausto, ostentação, magnificência" ou "caráter do que é custoso e suntuoso" ou ainda "bem ou prazer custoso e supérfluo; superfluidade, luxaria". Sob o olhar de Lipovetsky e Roux (2005, p. 116), as definições para luxo remetem "ao preço, ao prazer, ao desejo, à exceção, à raridade, ao refinamento." E já D'Angelo (2006), afirma que o luxo é tudo aquilo que é suntuoso e supera nossas necessidades.

Após essas definições, inicia-se um estudo do luxo, analisando-o sob o olhar amparado por diversos autores e identificando sua evolução ao longo dos tempos, para assim, tentarmos tornar mais fácil compreender seu significado nos dias atuais.

O luxo sempre esteve presente na sociedade, porém, o que vem mudando é a forma como percebemos e definimos este conceito. Ele pode ser subjetivo, dependendo da cultura e da história de sociedades (STREHLAU, 2008). Assim, como as sociedades e seus comportamentos mudam com o passar do tempo, tudo que os acompanha também se adequa ou ganha novos sentidos. Desta forma, o real significado do luxo está muito mais envolvido com o tempo e com a cultura que está inserido, do que propriamente a conceitos definidos e imutáveis.

Catilhos e Villaça (2006) completam dizendo que a expressão do luxo nos diferentes períodos da história tem relação com os costumes de cada sociedade. Segundo as mesmas, na antiguidade, os adornos e as marcas corporais promoviam a diferenciação dos homens, enfeitando e transformando os corpos daqueles que se demonstravam mais fortes. Ossos, dentes e chifres de animais abatidos transformavam-se em colares que condecoravam o peito dos guerreiros, como um troféu.

Assim, podemos dizer que o luxo na antiguidade representava sinal de virilidade, força e capacidade de defesa, além de ser um facilitador da identidade que se manifestava em circunstâncias que promoviam atos de coragem e força.

Ao condenar o luxo “por ele representar a maior manifestação do desejo individual” (D’Angelo 2006, p. 46) e associá-lo com elementos negativos, como corrupção e pecado, os gregos e romanos criam por volta de aproximadamente 200 a.c, as Leis Secundárias, que representavam

a medida mais energética e autoritária que as nações impuseram para combater o luxo e os “perigos” do desejo. As leis regulamentavam [...] a quantidade de ouro que a pessoa poderia possuir, o uso de roupas coloridas, o número de convidados em banquetes, o cardápio dos jantares, o valor das pratarias usadas nas festas e o vinho a ser servido. (D’ANGELO, 2006)

Sorcinelli (2008) complementa dizendo que essas leis pretendiam disciplinar cada aspecto ou comportamento julgado inaceitável, destinadas a negar a livre utilização de determinadas roupas e joias, a desencorajar o uso de ouros, pratas, pérolas e objetos importados de alto valor econômico em geral.

O ápice do gosto pelo luxo ocorreu no Renascimento⁸, onde a joalheria representou um período de grande evolução. Neste período, as Leis secundárias persistiam e continuavam a ser editadas em alguns países, porém, os registros históricos são menos voltados a elas, embora ainda existentes nas sociedades. “O desenvolvimento econômico atropelava aos poucos a resistência aristocrática e o moralismo contrário a determinadas formas de consumo” (D’Angelo 2006, p. 51) e assim, vivia a primeira revolução dos desejos de consumo.

Neste período, houve um incremento no uso das joias, com uma grande variedade de modelos e gemas disponíveis. Nas cortes, as roupas tanto das mulheres quanto dos homens, eram fartamente enfeitadas com jóias, já que havia a conotação de ascensão social.

D’Angelo (2006) acredita que o luxo pré-histórico não estava ligado à posse dos objetos, e sim à troca deles. Diz ainda que os objetos eram símbolos que remetiam ao lado espiritual da existência humana, fugindo do caráter meramente material e utilitário.

Castarède (2005) coloca que, foi no período entre o fim da Idade Média e a Renascença, com a ascensão do poder monárquico e o desarmamento da nobreza

⁸ Período de 1330 a 1530.

que houve a intensificação das despesas de prestígio e ampliação das classes de luxo. A partir de então, o luxo tornou-se uma esfera aberta às riquezas adquiridas pelo trabalho e a mobilidade social.

No século XIV, surgiu uma relação mais pessoal e estética com os bens de luxo, e “daí em diante [...], as coisas são representadas e amadas por si mesmas como símbolos de estatuto e de poder” (Lipovetsky; Roux 2005, p.37), abrindo caminhos para a individualização e sensualização do luxo, que entra então, para seu momento estético.

Desta maneira, empregando ainda as palavras dos mesmos autores, quando evocam que o luxo hoje faz parte dos sentidos das pessoas, despertando a emoção e a individualização.

Na humanidade primitiva, o luxo, longe de se apresentar como uma realidade separada, não se distingue dos outros fenômenos sociais e religiosos, imbrica-se ou “incrusta-se” em uma ordem global e simbólica em que se emaranham aspectos econômicos e sexuais, metafísicos e mágicos. (LIPOVETSKY; ROUX, 2005, p. 25).

Eles ainda afirmam que o luxo vai muito além de um significado etimológico, envolvendo também, sensações e sentidos.

[...] o luxo é indissociável de um outro sentido, um sentido não materialista, tão constitutivo da natureza humana que se pode considerá-lo o sexto sentido: o que é relativo ao tempo. [...] Assim, uma surda necessidade “espiritual” continua a sustentar, mesmo de maneira ambígua, nossa relação com o luxo, a necessidade de subtrair-se à inconsciência do efêmero e de tocar um solo firme, sedimentado, em que o presente recobre-se de referencial duradouro. Nesse ponto o luxo compara-se ao amor e à sua recusa do “tudo passa, nada permanece”, ao seu desejo de eternidade (LIPOVETSKY e ROUX, 2005, p. 85).

De acordo com D’Angelo (2006), o luxo é uma invenção social, uma criação do homem, além de ser um conjunto de significados atribuídos a determinados objetos e que nada é intrinsecamente luxuoso, é preciso que assim seja chamado, e que pessoas aderem a isso. E ainda enfatiza que as formas de expressão do luxo mudam conforme a evolução das sociedades, uma vez que é o reflexo de valores.

Na maioria das sociedades contemporâneas, geralmente o luxo, a vaidade e a beleza aparecem mais associados ao universo feminino em detrimento do masculino. Talvez por essa razão, percebe-se uma predominância de oferta de mercado joalheiro dedicado ao público feminino.

O luxo hoje, na sua acepção de meio de prazer e signo de exclusividade, é encarnado por uma série de objetos e serviços reconhecidos mundo a fora, independentemente das peculiaridades culturais de cada país ou região. Estas peculiaridades tendem a emprestar nuances próprias sem, contudo, demover dignificados fundamentais compartilhados, o que torna a visão quanto ao que é luxo hoje de certa maneira consensual (D'ANGELO, 2006, p.27).

Ressaltamos que ao longo do tempo, as representações do luxo foram se modificando. Podemos perceber que na atualidade, o luxo pode ser entendido tanto como algo raro e caro, como também pode ser simplesmente tempo e espaço, pelo fato de vivermos em um mundo onde em determinadas circunstâncias, isso muitas vezes é escasso. Ou seja, o conceito é o resultado dos valores mais desejados tanto pelo indivíduo quanto pelo grupo. Assim como movimentos sociais, como a globalização e o crescimento do poder de consumo, que se tornam determinantes de grande importância na busca pela definição do luxo atual, onde a exclusividade é um artigo cada vez mais raro e valorizado.

Assim, Faggiani (2006) nos lembra que, a palavra luxo ganha outros sentidos, reunindo características até então fora das tradicionais proposições, tais como a valorização de uma consciência ecológica, a utilização do tempo escasso, segurança, conforto, lazer, praticidade, qualidade de vida, diversidade cultural, compromisso social, entre outras, que da mesma forma que as demais características do luxo, hoje são consideradas escassas. Neste sentido, D'Angelo (2006) acrescenta a autonomia, o silêncio, o sossego, a beleza e o contato com o meio ambiente como novos sentidos para o luxo na sua percepção. Atualmente, estas características possuem maior valor do que o acúmulo de riquezas.

Pode-se dizer então, que o luxo contemporâneo não tem mais um só significado. Mesmo carregando exclusividade e refinamento e sendo para poucos, ele pode atender a inúmeras necessidades, manifestando-se na forma de objeto, ou até mesmo na forma intangível.

Neste contexto, D'Angelo (2006, p. 174) argumenta que

[...] o luxo – entendido como privilégio, fuga do comum, prazer e raridade – já não toma mais forma de caros objetos de grife, e tampouco de quaisquer outros objetos. O luxo estaria sendo “desmaterializado”, transformado em benefícios intangíveis e incomensuráveis que a rotina moderna já não permite mais desfrutar.

Neste sentido, o luxo atual desmaterializa-se, deixando de ter como objeto o produto em si e deslocando-se para inúmeros universos, repletos de sentimentos,

necessidades e valores. É justamente por esses caminhos que se deslocam as novas configurações do conceito, extrapolando todos os significados que atribuímos a ele até então.

Para o autor Jean Castarède (2005, p.33), o luxo é algo relativo e “cada indivíduo o vê a seu modo. Para um sobrecarregado presidente de empresa, luxo é o tempo. Para um agricultor, é a sociabilidade, que pode traduzir-se numa boa refeição em companhia dos amigos.” Ainda nesse viés, Lipovetsky e Roux (2005, p. 144) comentam que

de fato, o luxo é mais uma maneira de ser – uma “maneira de viver” – do que uma maneira de fazer ou de mandar fazer. Sobretudo, o luxo remete ao prazer, ao refinamento, à perfeição, da mesma maneira que à raridade e à apreciação, dispendiosa, do que não é necessário. Essa maneira de viver que é o luxo deve ser definida como a articulação de uma ética e de uma estética.

Após percebermos que o luxo vem tomando novos caminhos e significados, vale ressaltar que não significa que essa desmaterialização se afaste da idéia de luxo como forma de distinção e status, pois o luxo só é luxo se for raro, e segundo o autor André Cauduro D’Angelo (2006, p. 177), “mesmo que o novo luxo seja discreto e intangível, esta característica permanecerá.”

Coco Chanel definia o luxo como algo confortável, segundo ela, se assim não fosse, não seria luxo. Além disso, conforme Edmond (2007, p. 246), “nunca, e isto até o fim da vida, ela imaginou que o luxo pudesse ter uma outra finalidade senão ressaltar a simplicidade”.

Enquanto para os primórdios, o luxo era uma forma de manter boas relações entre povos, hoje ele é percebido de forma diferente: possui ligação direta ao status, distinção de classes, conforto, desejo, prazer e exibicionismo, além de processos como individualização, emocionalização e democratização, que segundo Lipovetsky e Roux (2005), reordenam a cultura contemporânea do luxo.

Siqueira e Machado (2003) completam a idéia dizendo que, atualmente, o significado do luxo está relacionado ao design, uma vez que anda junto com a cultura. Isso implica dizer que estamos vivenciando uma grande proximidade da valorização do design como uma forma de inspiração estética.

Deste modo, pode-se entender que a percepção de luxo pode ter significados distintos para determinadas pessoas ou povos, devido a mudanças ocorridas no tempo e nas sociedades. Essas mudanças podem influenciar o comportamento humano, bem como sua percepção de luxo.

Devido a essas mudanças, pode-se notar que no mercado atual do luxo, há uma constante busca pelo brilho e pelo glamour em diferentes categorias do segmento. Sob o impulso de novos comportamentos, as joias libertam-se dos seus códigos clássicos, ganhando novos mercados e transformando-se em outros objetos de luxo, para diferentes usos e inúmeras ocasiões, caminhando juntamente com um conjunto de comportamentos e produtos, que se repartem segundo o passado e a tradição, o presente e a modernidade.

Mesmo que possamos entender de inúmeras maneiras os significados do luxo, ele vai se materializar em algo que pode ser adquirido, seja essa aquisição um produto ou um serviço. As empresas sabem bem disso, e identificam-no para conseguir tangibilizar a venda.

Por mais que evoque abstração e a fantasia em seu conceito original, o luxo torna-se concreto e realista quando dentro da lógica capitalista: é um negócio como outro qualquer, cujo objetivo principal é o lucro. Os meios e as técnicas usados para atingi-lo é que diferem de outros ramos. (D'ANGELO, 2006, p. 33).

No ramo da joalheria, é a mistura harmoniosa de metais e pedras preciosas que detém a conotação de luxo e objeto do desejo. Conforme D'Angelo (2006), hoje em dia, já há clientes que desenham suas próprias joias ou selecionam as pedras com as quais uma empresa tradicional produzirá uma peça única, garantindo assim a singularização e a satisfação de ter uma peça exclusiva.

Neste sentido, entramos no viés das joias exclusivas, conhecidas também como joias de autor, que assim como a escultura e a pintura, revelam com clareza o estilo do artista que a concebe. A moda e a necessidade de customização fazem surgir esse novo nicho da indústria do luxo, que tem conquistado os clientes que buscam joias personalizadas e feitas sob medida.

A autora Gloria Corbetta (2007, p.85) define joia de autor como “[...] aquela criada por um artista ou designer, segundo sua própria visão de harmonia e beleza”. Segundo ela, o autor cria uma peça exclusiva visando um bom design à peça, se preocupando mais com valores formais do que com valores intrínsecos, pensado num design atemporal, sem modismo.

Dessa forma, Clarke (19-?), define as joias de arte como peças inventivas, compostas a partir de idéias específicas, enaltecendo características únicas. Segundo ele, para criar a joia de autor, são necessários símbolos engenhosos com os quais se possa ter um envolvimento efetivo.

Conforme Corbetta (2007), as joias de autor são joias com um design que fala por si, criando uma interação entre quem as usa e quem as concebe. Segundo ela, essas peças refletem não só as criações de cada artista, como as tendências estilísticas de cada criador, seu país de origem, seus valores, sua cultura. Neste sentido, a autora nos conta que a mulher que usa uma joia de autor assume uma postura elevada, uma vez que difunde cultura e mostra possuir sensibilidade, por optar por arte e não por ostentação, além de mostrar possuir um julgamento estético, passando através da joia, a mensagem desejada.

Na figura 25, temos um exemplo de joia exclusiva, produzida pelo Joalheiro Celso Dornelles, encomendada especialmente para uma determinada ocasião. Nesse caso, a proposta era desenvolver um brinco que seria usado com um vestido vermelho de um ombro só, que mistura tecido fosco e brilhante. Sendo assim, o joalheiro executou o brinco com as mesmas características do vestido, misturando ouro polido e com textura, acompanhado de uma pedra vermelha. O brinco era grande, composto por uma única peça, que foi pensado especialmente com a intenção de vestir o lado nu da modelo, reforçando a beleza e os detalhes da alta costura.

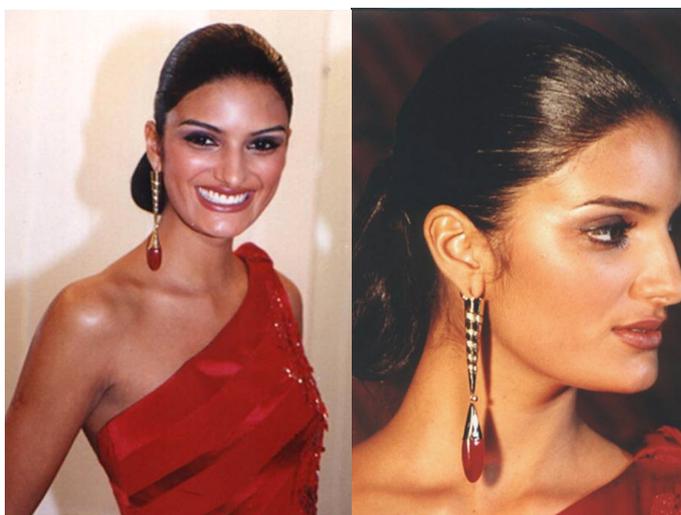


Figura 25- Brinco exclusivo produzido por Celso Dornelles
Fonte: Autoria de Celso Dornelles.

3. O SIMBOLISMO E OS SIGNIFICADOS DAS JOIAS

Ao longo de toda a história do homem, a jóia impõe sua presença enquanto objeto precioso, mantendo seu poder de sedução e representando símbolos de cada época. Se comparados da antiguidade aos dias atuais, pode-se perceber que os valores simbólicos das joias ampliaram seus significados, conforme estudamos nos capítulos anteriores.

D'Angelo (2006, p. 12) enfatiza que “nesse universo rico em símbolos e abstrações, no qual se transpõe com facilidade a linha que separa o objetivo do subjetivo, o funcional do emocional, há uma categoria de bens que coloca na potência máxima todas essas características [...]”, as joias.

Klein (2004) afirma que as joias são a forma de ornamentação que mais dizem sobre o estilo de uma pessoa, assim como uma tatuagem, a qual adere tão estreitamente à pele. É isso que tece seu significado sempre tão pessoal. O mesmo autor afirma ainda que elas possuem o poder de realçar a beleza e intensificam a impressão da personalidade de quem às usa, através da luz e brilho que elas emitem, por isso seus materiais sempre foram os metais e pedras preciosos brilhantes.

Conforme nos conta Aleandri (2010), as joias pertencem ao universo dos sonhos, da materialização da perfeição, da aura mítica que a palavra sugere, além de possuir um caráter muito particular, libertando-se de tendências ou modismos, tomando os caminhos da arte.

A joia é um símbolo de status e diferenciação social. Quem usa uma joia com design, traz nela embutida a sua diferenciação social. Assim como a moda, a joia serve para classificar o grupo social ao qual a pessoa pertence. A mulher que usa uma joia [...] assume uma postura elevada. Ela difunde cultura, além de mostrar ser culta e possuir sensibilidade, por optar por arte em vez de ostentação. Mostra possuir julgamento estético, passando através da joia uma mensagem (CORBETTA, 2007, p. 117).

A algum tempo atrás, o valor percebido desse artefato estava diretamente ligado à valorização dos materiais utilizados na sua fabricação, como determinadas gemas e metais. Hoje, o valor das joias direciona-se também para as mensagens e símbolos que elas carregam, prontas para despertar emoções e sentimentos em quem as usa ou as recebe.

Pode-se dizer também, que as joias revelam a personalidade de quem as usa, agindo como sinalizador de tribos e identificando-a com o grupo estético a qual ela pertence. Os adornos usados por um determinado grupo social podem ser caracterizados como sua forma de cultura material e social. Seu papel como elemento dessa cultura vai além do cumprimento de requisitos funcionais e técnicos, envolvendo inclusive componentes psicológicos, afetivos e principalmente simbólicos.

Os objetos com aspectos simbólicos são elementos que podem refletir o estilo de vida de cada indivíduo. O simbolismo é empregado conscientemente na elaboração de objetos, apesar de muitas vezes isso não ser percebido de forma consciente. Mas em outros casos, o indivíduo recorre a essas associações simbólicas em determinados objetos, em busca de algum benefício específico, ou para a construção de um estilo de vida.

Apesar das jóias serem vistas por algumas pessoas como "coisas supérfluas", para outros elas se impregnam de significados referentes ao mundo, à moda e a acontecimentos atuais. Fazem parte de um universo que flutua entre a proteção e rituais, significado simbólico, prestígio e sedução, adjetivos que tornam-se ícones da identidade do indivíduo que as usa. (FAGGIANI, 2006)

Desde os primórdios, os adornos expressam algum tipo de significado que vai além do seu caráter utilitário e de seu valor comercial. Seja essa significação de caráter social, coletivo ou emocional, as joias estão ligadas a diversas simbologias, como por exemplo, o poder de sedução que elas representam, estando sempre em sintonia com seu tempo e atendendo às expectativas do consumidor.

Redescobrimo outros papéis, depois de viver um longo período como um objeto de valor, obtido como investimento, ela foi ampliando seus significados e abrindo-se para performances cada vez mais diversificadas. Vista como objeto de design, de arte ou objeto de consumo, a joia passou a carregar um significado repleto de variáveis, capazes de assegurar o seu aspecto simbólico e precioso e manter o seu caráter de objeto representante do seu tempo.

Nesse contexto, o aspecto simbólico é cada vez mais determinante nas escolhas dos produtos de luxo, tornando-se um diferencial para as marcas que já perceberam os novos valores presentes nos dias de hoje. Concluído isso, busca-se neste capítulo destacar algumas peças da joalheria e contar um pouco dessas simbologias.

3.1 GARGANTILHA

A gargantilha possui um simbolismo erótico, uma vez que atrai o olhar para o pescoço e para o colo da mulher. Neste sentido, por envolver o pescoço de forma justa e delicada, esse artigo remete também a uma coleira, sugerindo a submissão sexual.

O uso de um coração ou de uma flor num cordão preso ao pescoço, pode significar que a mulher que usa está pronta para o amor (KUROSAWA, 2006). Desta forma, pode-se perceber que a gargantilha tem relação simbólica com a feminilidade, a sensualidade e o romantismo.



Figura 26- Pingente de coração
Fonte: <http://www.hstern.com.br>



Figura 27- Pingente de flor
Fonte: <http://www.hstern.com.br>

3.2 ANEL E ALIANÇA

Corbetta (2007) nos conta que o anel remete ao que é eterno e único, devido a sua forma circular, que pressupõe o infinito, aquilo que não tem início nem fim. Neste sentido, podemos falar dos anéis de compromisso, uma vez que simbolizam uma relação de comprometimento entre duas pessoas e a aliança, que representa a união matrimonial eterna entre um casal.

Os anéis femininos e masculinos ganharam versões e papéis bem diferentes ao longo dos tempos e falam muito da personalidade de quem os usa, de seu estilo e também de sua posição social ou profissional. Portanto, sua função não é só de adornar as mãos. É uma peça usada desde a época dos povos antigos [...], fabricada em diferentes metais e materiais. (MANCIBO, 2008, p.18).

Segundo o designer de joias Celso Dornelles (2004, p. 20), “o anel como símbolo de comprometimento, ou seja, a aliança, foi utilizada a primeira vez pela civilização romana”, tomada como tradição por diversas civilizações no decorrer da história, até os dias atuais.

De acordo com Klein (2004), a aliança simboliza paz, união, comprometimento e seriedade entre duas pessoas, sendo um dos primeiros tipos de joia feita sob medida. Desta forma, percebe-se claramente que este adorno carrega um significado de grande importância para os indivíduos, porém, há uma diferença no grau de importância e significado desse adorno, entre quem o usa e quem o observa. Para quem observa a aliança na mão do outro, este objeto não possui sentimento algum, já para quem a usa, o objeto representa o sentimento de amor entre o casal.

Segundo o autor Renato Wagner (1980, p.21), o costume dos noivos de usar o anel no dedo anular, se iniciou entre os gregos, que acreditavam que por esse dedo, passava um nervo que se refletia direto no coração. Desta maneira, acreditavam que “prendendo o nervo não se admitiriam novos amores”. Celso Dornelles (2004) nos conta que como símbolo de noivado, a aliança é utilizada na mão direita, mas já como símbolo de casamento, a mesma é trocada para a mão esquerda, o mesmo lado do coração. Neste sentido, pode-se dizer que a aliança simboliza a união e a relação de amor entre duas pessoas.

Atualmente, com a modernidade e o design, existem inúmeros tipos e formas de alianças, modernas ou tradicionais, mas o seu significado ainda continua sendo o mesmo, representando o laço de compromisso entre o casal. Porém hoje, a aliança é também elemento de estilo e status, sendo usada até mesmo quando não se tem um elo matrimonial por trás delas.



Figura 28- Alianças em ouro amarelo, produzida por Celso Dornelles
Fonte: <http://celsodornelles.blogspot.com>

3.3 COROA

A coroa é um adorno que simboliza não apenas o poder material, como também identifica uma realeza, sendo percebida desde antigas civilizações até os dias atuais. Sua forma circular simboliza a perfeição, e suas pontas representam os raios do sol, o astro rei (KUROSAWA, 2006).

Segundo Lexikon (1998), na maioria das culturas, a coroa é usada pelos soberanos, sendo símbolo de dignidade, poder, consagração ou ainda, símbolo de uma determinada situação solene excepcional, como por exemplo, quando uma realeza sobe ao trono, realiza-se uma cerimônia de coroação, onde a coroa é posta sobre sua cabeça como símbolo de um novo poder.

Usada por um longo tempo pela realeza como representação de poder, a coroa vem deixando de ser usado somente com esse propósito, ganhando novos sentidos. Hoje, esse objeto de adorno vem sendo empregado em outras ocasiões, como em concursos de misses, utilizadas pela candidata vencedora, representando a vitória e a soberania da beleza feminina.

Portanto, pode-se perceber que os simbolismos da coroa são diversos, variando conforme a cultura e o tempo, levando em consideração os valores e crenças de determinados povos, porém sua essência de poder e grandeza sempre permanecem.



Figura 29- Coroa
Fonte: BLACK 1973.

3.4 CORRENTE

A corrente, independentemente de seu formato, é o símbolo universal de uniões, por ser composta por vários elos, trás a mesma idéia do anel, de forma composta, carregando o símbolo de aliança. O próprio termo “corrente” é dito quando se quer referir a algo contínuo, uma união ou uma liga. Além disso, conforme nos conta Lexikon (1998), esse objeto de adorno é visto como símbolo das relações entre o céu e a terra.

Sob a perspectiva do mesmo autor, esse objeto pode possuir uma relação simbólica com a religião e o cristianismo, uma vez comparado com as orações. Porém, a corrente pode remeter também a significados negativos, como por exemplo prisão e escravidão.



Figura 30- Corrente
Fonte: CODINA 2002.

3.5 CRUZ

A cruz é um dos símbolos mais antigos do mundo, e ao longo do tempo foi possuindo diversos atributos e significados, porém um dos mais conhecidos e que perdura até hoje é sua relação com a fé cristã, independente da religião, utilizada por ícones da igreja, como sacerdotes, bispos, padres, entre outros. Além disso, a cruz encontra-se como símbolo de proteção Divina e da demonstração de vitória de Cristo sobre a morte e o pecado.

Esse objeto é considerado o símbolo perfeito da união dos opostos, fazendo a intersecção de dois eixos adversos, o vertical e o horizontal, representando lados diferentes como o sol e a lua, o céu e a terra, o masculino e o feminino, o amor e o ódio, a vida e a morte, remetendo a divisão do mundo em quatro elementos, como os pontos cardeais.



Figura 31- Cruz
Fonte: <http://www.joiasbrasil.com.br>

4. MATERIAIS

No presente capítulo, abordaremos de forma sucinta, alguns dos principais materiais utilizados na fabricação de joias. Isso se dará pelo fato da importância do conhecimento dessas matérias-primas para a identificação de possíveis elementos de auxílio no desenvolvimento da coleção final.

Ao longo da história, a humanidade enfrentou desafios inimagináveis para a obtenção do ouro, da prata e de pedras preciosas. Neste sentido, quando se pensa no produto joia, logo se pensa nesses elementos, unindo-os com glamour e beleza. Essa beleza está relacionada diretamente com dois fatores: as matérias-primas e o design.

Um dos aspectos mais fascinantes dos metais e das gemas é o fato de que objetos com tamanha beleza são provenientes de matérias-primas de aparência rústica, onde só após refinadas, revelam a beleza de seu conteúdo.

No início, a matéria-prima utilizada era trabalhada artesanalmente, “porém, com o advento do fogo e seu conseqüente domínio, foi possível adotar outros materiais que não dependiam apenas do trabalho manual”. Posteriormente ainda, esse domínio trouxe novos processos provindos do fogo, onde “dominaram-se os metais, e peças mais requintadas foram introduzidas”. (WAGNER, 1980, p. 15).

A joalheria, na sua essência, faz uso de metais nobres, assim chamados por serem raros na natureza, por não oxidarem e por permanecerem sempre puros, tendo como principais características a raridade, ductibilidade⁹ e maleabilidade. A maleabilidade é uma das características mais importantes nos metais utilizados na indústria joalheira, ou seja, sua capacidade de aceitar a modelagem e suportar uma deformação significativa, sem romper. Entre esses metais utilizados na fabricação de joias, os mais nobres são o ouro e a prata, usados pelo homem desde os tempos mais remotos.

Conforme Pedrosa (2010), as joias, os metais preciosos e as gemas sempre vieram ao encontro dos mais profundos sentimentos humanos: a atração por materiais raros e belos, o desejo pelo embelezamento do corpo, o status e a superstição representada pelo poder atribuído a determinadas gemas.

⁹ Propriedade física dos materiais de suportar a deformação plástica, sob a ação de cargas, sem se romper ou fraturar.

Além do metal, a joalheria faz uso de gemas, que podem ser tanto de origem mineral, cristal, rochas ou orgânicas. Essas gemas são utilizadas de diversas maneiras, tanto como objetos de decoração, adornos pessoais ou até mesmo como amuletos da sorte, fascinando o homem desde seus primórdios, com seu brilho, sua cor, sua raridade e seus significados.

Na atualidade, pode-se perceber que a joalheria de luxo se dá nos detalhes, perdendo a obviedade de materiais nobres e ganhando em materiais culturais, utilizando-se de artigos diversificados. Uma tendência que vem ganhando destaque no ramo da joalheria é o crescente uso de materiais alternativos com o intuito de diferenciação e valorização do design da peça e da valorização da identidade cultural. Dentre esses materiais alternativos pode-se destacar madeira, plástico, couro, palha, entre outros, além de metais como o Alumínio, o Titânio e do Aço Inoxidável.

São diversos os materiais que podem ser utilizados na confecção de joias. Independente disso, o design também é importante, além da harmonia e a forma que os materiais dialogam entre si com um só intuito: enfatizar a beleza destes objetos ornamentais.

4.1 OURO

Começamos pelo ouro, uma vez que é a matéria prima mais utilizada e de maior valor na joalheria. Esse metal exerceu desde os primórdios uma influência notável sob o homem, carregando consigo uma carga de misticismo e poder, adquiridos através de crenças de povos antigos. Foi ganhando valor agregado com o caminhar da história, sendo o seu valor simbólico o que mais lhe agregou, pois o estimou enquanto elemento de riqueza e destaque, uma vez que, desde seus primórdios, era destinado aos indivíduos de poder dentro das sociedades.

Símbolo de pureza, valor e fé, o ouro foi defendido ao longo da história por inúmeras culturas que acreditavam no poder do metal de promover a ressurreição dos mortos, o que levava as pessoas a levá-los em funerais.

Devido a sua característica cor amarela, o ouro foi relacionado com o brilho do Sol, a divindade e a vida eterna, possuindo extraordinário valor simbólico para

muitas culturas (CODINA, 2002). Sua raridade e sua cor vibrante encantavam o homem da antiguidade, assim como continua encantando até hoje, através de suas inúmeras variações de cor.

Segundo Patrícia Peixe (200-?), sua cor extremamente atrativa e sua facilidade de manuseio são as principais características que torna o ouro um dos metais mais visados para o uso do setor joalheiro. A autora ressalta ainda, que além da sua beleza e maleabilidade, é um metal muito procurado, de alto valor no mercado e universalmente conhecido.



Figura 32- Ouro puro
Fonte: SYM, 2008.

4.2 PRATA

Com uma cor que encanta e seduz, a prata é considerada um metal nobre, assim como o ouro, porém de menor custo. Esse metal permite uma maior amplitude em seu uso, sendo muito utilizado inclusive em objetos domésticos e decorativos.



Figura 33- Sino de prata
Fonte: GOLLA 2008.

A prata possui grande capacidade de reflexão, quando polida, reflete num grau elevado. Devido a isso, no passado os espelhos eram feitos de prata, e ainda hoje, eles são cobertos por uma camada do metal. Além disso, este metal possui uma dureza superior a do ouro, porém precisa ser ligada a outros metais, para adquirir maior resistência e ser melhor trabalhada na joalheria, o metal mais usado na liga da prata é normalmente cobre.



Figura 34- Prata pura
Fonte: CODINA 2000.

4.3 PEDRAS

Desde os tempos antigos, as pedras preciosas exerceram fascínio sobre o homem, ocupando um lugar de destaque na história da humanidade. Acredita-se

desde a antiguidade, que as gemas possuam poderes mágicos e capacidade de carregar determinados atributos, e que cada cor atribui-se a um significado. O autor Renato Wagner (1980. p.20) nos dá alguns exemplos, dizendo que “ao rubi reivindicava-se a fama de trazer paz; à esmeralda, o bem estar; à safira, felicidade e proteção contra mau olhado; à calcedônia, muita saúde e forças para a vitória e ao diamante, proteção contra os inimigos”.

Judith Millidge (1998) complementa a idéia do fascínio do homem pelas pedras, dizendo que a beleza das gemas e seus poderes ocultos encantam e possuem inúmeras utilidades, além de terem grande durabilidade.

O homem neolítico criava suas joias catando e furando as pedras roladas pelos rios. Talvez acreditassem que suas cores brilhantes continham forças benéficas e protetoras de elementos, como a água e o sol e que as pedras lhe trariam proteção contra doenças e forças físicas do mal, e usando as pedras coloridas furadas, os benefícios seriam para essa vida e a próxima. (MAGTAZ, 2008, p. 200).

Neste sentido, outro autor complementa dizendo que

regulares e belas, as gemas estimulam os desejos e a imaginação há milhares de anos. Criadas por acaso em um ambiente incredivelmente hostil, têm uma forma precisa a ponto de deleitar os cientistas, cores ousadas e variadas o suficiente para inspirar os artistas, e uma composição química tão imprevisível e intrigante quanto o tempo. (MILLIDGE, 1998, p.7).

Segundo Mancebo (2008), a cor é um dos fatores de maior importância na avaliação do valor de uma gema, bem como sua lapidação, peso, tamanho, raridade e beleza. O Brasil é considerado o paraíso das pedras preciosas, sendo um país privilegiado pela diversidade, pela qualidade e pela quantidade de gemas de cor.



Figura 35- Gemas coloridas

Fonte: <http://www.joia-e-arte.com.br/diamante.htm>

A respeito da coloração das gemas, Codina (2002, p. 76) pontua que

é determinada pela forma como ela absorve a luz branca que penetra no seu interior. Quando a luz vista pelo olho humano [...] inside na gema, algumas cores do seu espectro de luz são absorvidas, enquanto aquelas não absorvidas são refletidas, combinando-se para proporcionar à gema a sua cor característica.

A pérola, símbolo de romantismo, é a mais antiga das pedras preciosas, considerada um dos elementos clássicos da joalheria. Durante séculos foi considerada a mais valiosa delas, podendo apresentar-se em diversas formas, tamanhos e cores, sendo a branca a mais comum, seguida da rosa, pêssego e a negra. Além dessas ainda existem as pérolas azuis, esverdeadas, prateadas e douradas, que não são tão comuns quanto as outras.



Figura 36- Peça com pérolas de diversas cores
Fonte: GOLLA 2008.

Coco Chanel foi um ícone da moda que trouxe a tona a beleza das pérolas, abusando de belos e longos colares em modelos tradicionais ou ousados.

Castarède (2005) aponta Maria de Médici, rainha Ana d'Áustria, Maria Antonieta e imperatriz Eugênia, como figuras que tiveram um papel importante na história das joias, pois tinham adoração por pedras preciosas, principalmente por diamantes.

O diamante, conhecido como o rei das pedras, sempre foi muito apreciado ao longo da história, principalmente pelas mulheres. Sua forma mais popular

denomina-se lapidação brilhante, sendo o tipo de lapidação que permite o máximo reflexo e dispersão de luz. É o material de maior dureza e resistência existente na natureza, além de ser a única gema cujos cristais absolutamente incolores são os mais valorizados, podendo ser incolores, amarelados, acinzentados e marrons.



Figura 37- Diamante em lapidação brilhante
Fonte: CODINA 2002.

5. PROCESSOS DE FABRICAÇÃO

Os processos de desenvolvimento de uma joia envolvem técnicas que foram sendo descobertas pelo homem, lentamente ao longo do tempo. Para a construção deste capítulo, são descritos brevemente essas principais técnicas e os processos mais comuns envolvidos na fabricação de joias, mostrando os recursos frequentemente utilizados nesse ofício.

Para tanto, fez-se necessário uma divisão por subcapítulos, tais como os principais tipos de cravação, entre elas a cravação com garras, cravação inglesa, inglesinha, pavê, carré e bigodinho. Num segundo momento, faremos um breve comentário sobre a técnica de gravação em joias, explicando seu processo e de que forma pode ser aplicada. Em seguida, se dará a compreensão do processo de laminação, que lamina o metal, de forma manual ou elétrica até ele atingir a forma e espessura desejada. Num quarto momento, o processo abordado é a trefilação, onde explicamos e apontamos o momento em que o processo é utilizado na joalheria. Num quinto momento, o processo citado é a estampagem, técnica muito utilizada na joalheria industrial. O subcapítulo que segue, trata da esmaltação, técnica decorativa, utilizada na joalheria para colorir a superfície de um metal com esmaltes. Em outro momento, o processo abordado é o cinzelamento, arte milenar no ramo joalheiro. Sequencialmente, falaremos sobre a eletroformação, processo que permite o desenvolvimento de peças leves, porém com volume. A soldagem, por sua vez, abordada no subcapítulo seguinte, que se dá pela união de dois ou mais metais, sob forma de calor. No momento seguinte, o processo discriminado é a fundição, onde acontece a transformação da matéria-prima em lingotes, com a utilização do fogo. Em seguida faremos um breve aparato sobre a fundição por cera perdida e por fim, o processo de acabamento da joia, o polimento.

Essa breve abordagem dos principais processos se dará pela importância do conhecimento dos mesmos, para a identificação de possíveis elementos que venham a auxiliar no desenvolvimento da coleção final.

5.1 CRAVAÇÃO

A Cravação ou engaste, como também é chamada, é um processo de grande importância na joalheria, que consiste na união da pedra com o metal na execução de uma joia. Esse processo é feito manualmente pelo ourives, ou pelo cravador, especializado somente nisso. Há vários tipos de cravação. A seguir iremos citar os principais tipos, explicá-los e ilustrá-los para uma melhor compreensão.

5.1.1 Cravação com Garras

Na cravação com garras, a pedra é presa a caixinha através de pequenas garras, que podem ter acabamento variado e tipo variado, podendo ter três, quatro, cinco ou até seis garras. Esse tipo de cravação é utilizado com muita frequência, segundo Codina (2000), por ser uma das cravações que menos cobre a pedra.



Figura 38- Colar todo de pedras em cravação com garras, em desenvolvimento
Fonte: Aatoria de Celso Dornelles.



Figura 39- Colar pronto
Fonte: Aatoria de Celso Dornelles

5.1.2 Cravação Inglesa

Na cravação inglesa, a pedra fica presa a caixa sem o uso de garras. O metal envolve a pedra e fica por cima da mesma, com a ajuda de ferramentas

específicas do ourives. Esse tipo de cravação possui um visual mais limpo, onde a pedra não fica muito aparente, mostrando apenas sua parte superior, o resto fica escondido dentro do castão¹⁰.



Figura 40- Anel com cravação inglesa
Fonte: GOLA 2008

5.1.3 Cravação Pavê

A cravação pavê é uma técnica muito usada na alta joalheria. Mancebo (2008, p. 124) define esse tipo de cravação como “uma composição da superfície da joia com gemas geralmente de tamanhos uniformes, que cobrem toda a superfície indicada no desenho da peça”. Esse tipo de cravação dá a sensação de que toda a superfície está coberta de brilhantes. A mesma autora completa dizendo que as gemas são acomodadas em furos cônicos, que em seguida, são cravadas por pequenos grãos de metal.

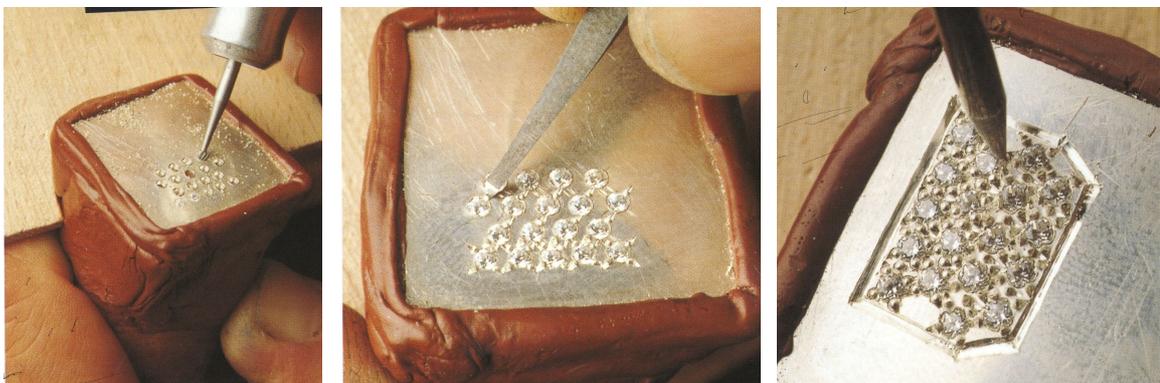


Figura 41, 42 e 43- Cravação pavê
Fonte: CODINA 2000.

¹⁰ Nome que se dá a caixa de metal onde se encaixa a pedra.

5.1.4 Cravação Carré

Nesse tipo de cravação, as pedras devem ser de tamanhos e formatos idênticos, são enfileiradas entre dois trilhos paralelos de metal e são fixadas entre a boca superior do trilho e o sulco lateral interno feito no metal. Segundo Codina (2000), efetua-se esse tipo de cravação, quando se tem a necessidade de colocar muitas peças do mesmo tamanho em posições lineares, como é o caso de muitas alianças.



Figura 44- Cravação Carré
Fonte: CODINA 2000.

5.1.5 Cravação Bigodinho

Técnica na qual a pedra é assentada em um furo feito na chapa de metal, e é fixada através de quatro pequenas garras, chamadas de “bigodinho”, que são cortadas do metal e levantadas através de uma ferramenta chamada buril¹¹, para fixar a gema.

¹¹ Instrumento próprio para abrir ou riscar metal.



Figura 45- Anel com cravação bigodinho, autoria de Mariana Cidade
Fonte: <http://mcjoias.blogspot.com>.

5.2 GRAVAÇÃO

A gravação em metal é uma técnica muito antiga, datada no período da Renascença. Esse processo pode ser feito manualmente, com o uso do buril, jato de areia, por corrosão, eletroformação, e hoje existe também a gravação a laser. Conforme nos conta Mancebo (2008), nesse processo pode-se criar texturas e desenhos na superfície da peça, além de termos também a possibilidade de escrevermos nomes, iniciais ou frases, conforme podemos ver na (Figura 46).

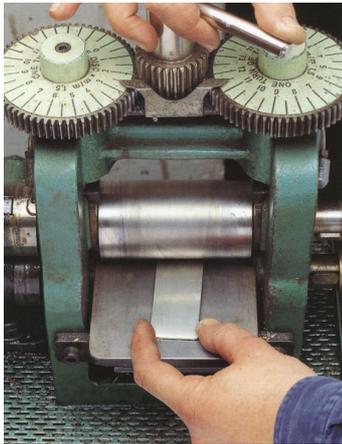


Figura 46- Anel gravado – Francesca Romana
Fonte: <http://www.joiabr.com.br/moda/mt0306a.html>

5.3 LAMINAÇÃO

A laminação consiste num processo de laminar um metal, transformando um lingote¹² em lâminas, em forma de chapas (Figura 47) ou fios de diversos formatos (Figura 48). Isso se dá através de uma máquina chamada laminador, composta por rolos compressores, que são utilizados na joalheria para que se possa adquirir a forma básica necessária para o trabalho artesanal. Esse lingote passa pelo laminador diversas vezes, sendo achatado até atingir a forma e espessura desejada.

Esse processo pode ser executado tanto de forma manual, quanto elétrica. Na manual, conforme nos conta Peixe (200-?), o laminador necessita da força do operador para girar o rolo compressor. No elétrico, o operador não precisa realizar força alguma para girar o rolo, apenas deve controlar sua abertura. Esse tipo é mais utilizado na indústria e oficinas de médio e grande porte.



Figuras 47- Laminação manual de chapa
Fonte: CODINA 2000.

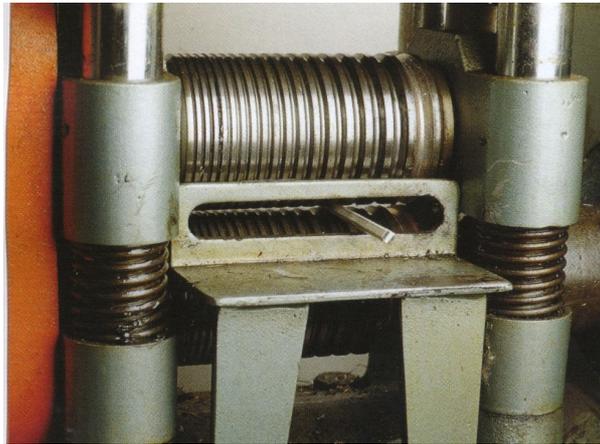


Figura 48- Laminação manual de fio
Fonte: CODINA 2000.

5.4 TREFILAÇÃO

A trefilação é utilizada na joalheria para a fabricação de fios e tubos de pequenos diâmetros. Consiste em passar o fio previamente laminado através de uma matriz chamada fieira (Figura 49), reduzindo aos poucos seu diâmetro e consequentemente, aumentando seu comprimento.

¹² Barra de metal fundido.

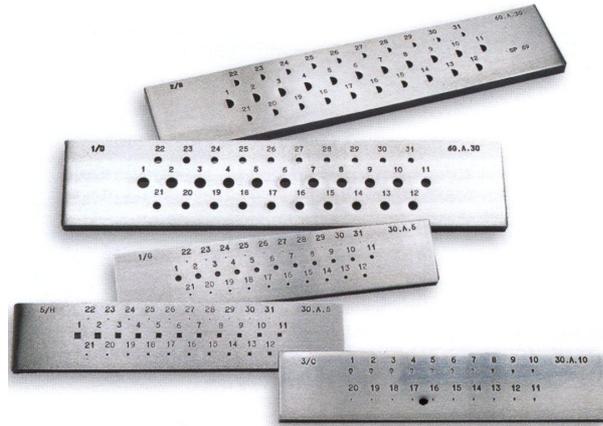


Figura 49- Fieiras
Fonte: CODINA 2000.

A fieira consiste em uma placa de metal com furos de diversos tamanhos, onde se passa o fio de metal que vai reduzindo de diâmetro. Os formatos dos furos são diversos, desde formas básicas, como redondo, quadrado, triangular, oval até formas diferenciadas. Esse processo é realizado a frio, e necessita de recozimento¹³ no decorrer da etapa, para que a estrutura do metal não se danifique.



Figura 50- Processo de trefilação: fio de metal sendo passado na fieira
Fonte: <http://www.joiabr.com.br>

5.5 ESTAMPAGEM

¹³ Aquecimento ao qual os metais são submetidos de forma a se tornarem maleáveis para um melhor manuseio.

A estampagem é realizada com prensas e ferramentas desenvolvidas especialmente para a fabricação de Joias. A autora Liliane Mancebo (2008, p.130) nos conta que este “é um processo muito utilizado na joalheria industrial, pois permite grande leveza na peça finalizada”.

O processo resume-se em impor a uma chapa de metal um determinado formato conferido pelo uso de uma matriz (Figura 51), utilizando-se de um macho, com o formato que se deseja. Esse macho é prensado sobre a chapa metálica, promovendo uma deformação na mesma e imprimindo seu formato na peça. Esse processo é destinado principalmente à produções em larga escala, utilizado especialmente na fabricação de medalhas e pingentes.



Figura 51- Matrizes de estamparia
Fonte: Autorial própria.

5.6 ESMALTAÇÃO

No decorrer da história, várias técnicas de esmaltação foram criadas e aprimoradas. Antigamente essa técnica era chamada de “cloisonné”, praticada no antigo Egito e na Mesopotâmia como uma forma de substituição das gemas coloridas, porém, foram os Bizantinos que dominaram essa técnica com maestria. Esse processo consistia na limitação de pequenos espaços por tiras de metal que posteriormente eram preenchidos por esmaltes.

Hoje, a esmaltação consiste numa técnica decorativa, utilizada para colorir a superfície de um metal com esmaltes, uma vez que são aplicados sobre o metal fundindo em alta temperatura. O processo pode ser aplicado sobre ouro, prata e cobre, mas nunca sobre latão (CODINA, 2000).

Conforme Codina (2000, p. 98), esse artigo é uma “composição vítrea, formado por silicatos, boratos, aluminatos e diferentes óxidos de cobre, manganês ou ferro que lhe conferem a cor”. Segundo o autor, esses esmaltes possuem uma ampla gama cromática, oferecendo uma vasta possibilidade de dar cor e brilho às peças, podendo ser aplicados em diferentes circunstâncias.



Figura 52- Bracelete de prata esmaltado
Fonte: CODINA 2002.

5.7 CINZELAMENTO

A técnica de cinzelamento, conhecida também como relevo e cinzel,¹⁴ é uma arte milenar da joalheria, usada por povos antigos como etruscos, gregos, egípcios e romanos, tanto para a execução de joias quanto para a confecção de utensílios domésticos.

O processo consiste na execução de peças em alto relevo, provindas de uma lâmina de metal, realizado manualmente com o auxílio de um instrumento chamado cinzel.

O trabalho é feito sobre uma meia esfera que contém uma massa especial em seu interior, onde é fixada a lâmina de metal com o desenho a ser gravado, em seguida, martela-se o cinzel sobre a lâmina de forma contínua,

¹⁴ Instrumento com umas das extremidades cortante, e outra achatada, que pode ser golpeada por um martelo.

trabalhando o negativo e o positivo, criando assim, os referidos volumes na peça (informação verbal)¹⁵

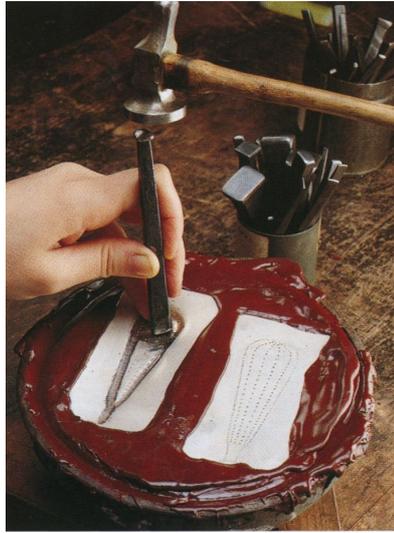


Figura 53- Processo de cinzelamento
Fonte: CODINA 2000.

5.8 ELETROFORMAÇÃO

Esse processo é utilizado, geralmente para o caso de peças grandes, que ficariam muito pesadas se fossem maciças, desta forma, a eletroformação permite a execução de uma peça grande, com volume, porém leve, geralmente utilizado na fabricação de argolas.



Figura 54- Brinco de argola feito por eletroformação
Fonte: <http://redeparede.com.br>

¹⁵ Informação fornecida pelo Designer de Joias Celso Dornelles em entrevista.

Ele consiste na execução manual de um molde em cera, que em seguida é recoberto por metal, num processo eletrolítico. Segundo Mancebo (2008), após essa etapa, é feito um pequeno furo na peça de metal, e a cera que se encontra internamente é derretida, restando apenas o produto em metal, idêntico ao molde de cera, porém oco, leve e com volume. Para finalizar, o furo é fechado e a peça está pronta.

5.9 SOLDAGEM

Na joalheria, conforme nos conta Salem (2000), a solda geralmente se dá pela união de dois ou mais materiais metálicos, através de outro metal cujo ponto de fusão, normalmente, é inferior. Esses materiais quando fundidos, se juntam, tornando essas superfícies um único corpo.

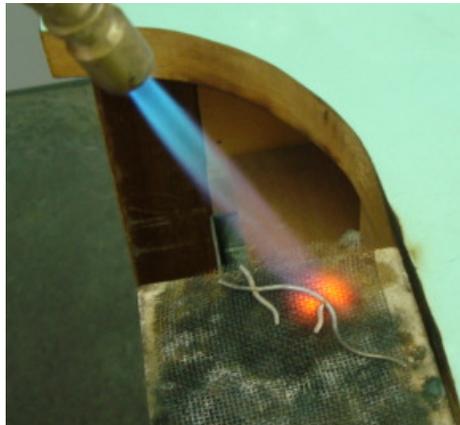


Figura 55- Soldagem de uma peça em prata
Fonte: Autoria própria.

5.10 FUNDIÇÃO

A fundição é o processo pelo qual acontece a transformação da matéria-prima em lingotes, onde é posto fogo sobre o metal e a liga a ser usada, fazendo a junção do mesmo. Em seguida, essa mistura é depositada em um cadinho de aço, onde o metal resfria e se solidifica, formando o lingote.



Figuras 56, 57, 58- Etapas do processo de fundição
Fonte: CODINA 2000.

5.11 FUNDIÇÃO POR CERA PERDIDA

A origem da fundição por cera perdida se dá quando o homem começa a moldar objetos de forma volumosa na argila. Em seguida essa argila era queimada e endurecida, servindo de molde para o depósito do metal líquido em alta temperatura.

Esse método era utilizado pelos primórdios para a realização de peças de adorno grandes e pesadas, no entanto, não possuía precisão nem bom detalhamento. Neste sentido, o homem foi aprimorando suas técnicas com a intenção de gerar objetos mais refinados e de linhas mais delicadas, chegando então no processo conhecido hoje como fundição por cera perdida.

Inicialmente esse processo era realizado da seguinte forma: peças eram esculpidas em cera de abelha e inseridas na argila, que em seguida, era posta para secar. Deixava-se uma abertura na argila, para que a cera pudesse escorrer enquanto aquecida. Após, o metal líquido era injetado dentro do molde de argila, que era quebrado após seu resfriamento, fazendo surgir então o objeto de metal.

Hoje, com a técnica mais aprimorada ainda, uma peça é reproduzida em cera e agrupada ao que chamamos de árvore, ou seja, um bastão central de cera, ao qual são fixadas todas as peças.



Figura 59- Peças em cera
Fonte: Autoria própria.

Em seguida, essa árvore é colocada num recipiente e preenchida com gesso, que quando endurecido é levado ao forno em alta temperatura. A cera contida internamente é derretida e escorre para fora do gesso, obtendo-se assim, um molde das peças em metal, chamado de peça piloto.



Figura 60- Árvore de metal
Fonte: Autoria própria.

Esse piloto pode ser reproduzido em quantidades ilimitadas, utilizando-se de um molde de borracha vulcanizada, que grava a marca da peça em negativo, permitindo a injeção da cera, resultando então, numa peça idêntica a de metal. Essa peça obtida pode ser multiplicada por diversas outras que serão então montadas na árvore para fundição.

Esse é um dos processos mais utilizados atualmente para a confecção de modelos na indústria joalheira, permitindo a criação de diversas peças idênticas, com baixo custo, num curto período de tempo, conforme nos conta Codina (2000).



Figura 61- O mesmo anel em cera e em ouro, depois de pronto
Fonte: CODINA 2002.

5.12 POLIMENTO

O polimento de uma joia consiste no acabamento do processo de fabricação da peça, tendo como objetivo remover irregularidades superficiais das mesmas, livrando-se de possíveis marcas deixadas pelas ferramentas dos artesãos e conferindo embelezamento às peças.

O processo consiste numa seqüência de ações abrasivas por escovas rotativas, onde são utilizados lixas, massas de polir e chicote. Problemas como buracos, porosidades, e manchas, podem ser evitados se nas etapas preliminares ao polimento, forem tomados os devidos cuidados (SALEM, 2000).



Figuras 62, 63, 64- Etapas do processo de polimento
Fonte: CODINA 2000.

6. GRANDES MARCAS DA JOALHERIA

No que se diz respeito a marcas de luxo, nota-se que seus produtos são desenvolvidos nos mínimos detalhes, para que possam fazer com que seu consumidor sinta-se verdadeiramente importante e realizado com o produto que adquiriu. Portanto, a marca também é essência de luxo, uma vez que transmite glamour a quem usa, afinal, é dela que surgem os significados de cada produto.

Neste sentido, tomemos emprestadas as palavras de D'Angelo (2006, p. 13), quando enfatiza que “não precisamos [...] nem mesmo ter em mãos uma peça da Cartier ou da Tiffany para defini-las como as joias mais valiosas que alguém pode possuir.”

As marcas de luxo podem ser divididas em velho e novo luxo. As marcas chamadas de velho luxo estabelecem relações de status e exclusividade com seus clientes, diferentemente do novo luxo, que atinge seu público por meio de produtos mais acessíveis, porém, de alta qualidade e design, e ainda assim, sem deixarem de ser exclusivos.

Conforme dizem os autores Castilho e Villaça (2006, p.37):

[...] hoje vemos o despertar de um “novo luxo”, com variedade de formatos e preços, tendo uma relação intelectual, espiritual e emocional. Para esse mercado de luxo, a descoberta dos sentidos, algo aparentemente desimportante à primeira vista, torna-se um elemento primordial como estratégia da marca.

Para uma marca ser denominada de luxo, é necessário um rótulo, que a diferencie das demais. A questão da consolidação desse segmento é importante, pois, segundo D'ANGELO (2006, p. 28), “não existe luxo anônimo, sem autoria”. Com isso, na grande maioria dos casos, uma marca reconhecida é quase uma garantia do luxo, visto que quando não se sabe avaliar as qualidades de determinado produto, sua marca esclarece a dúvida.

Segundo Baudrillard (1968), o mundo contemporâneo, composto por uma infinidade de bens de consumo similares e com um alto grau de competitividade entre eles, favorece a busca pela diferenciação e personalização dos produtos. É nesse sentido, que as grandes marcas de luxo focalizam sua atenção, ao desenvolver produtos exclusivos, de alta qualidade, com o intuito de construir o encantamento necessário para seduzir o consumidor.

Neste sentido, torna-se relevante o reconhecimento da importância de algumas marcas no ramo da joalheria, que acabaram transformaram-se em personagens que fazem parte da história do segmento no mundo.

É por esta razão que a seguir, citaremos algumas dessas grandes marcas, abordando brevemente a história de cada uma, seu surgimento e os estilos adotados pelas mesmas.

6.1 CARTIER

Criada em 1847, pelo Frances Louis François Cartier, é uma das marcas mais antigas e tradicionais do ramo da joalheria, onde famosas alianças, clássicos anéis e relógios fazem parte do luxuoso universo da marca.

Em 1914 foi lançada uma coleção que se chamava Panthère, tendo como símbolo uma pantera, que fez tanto sucesso, que veio a se tornar best-seller da marca, sendo lançada a cada estação, até os dias de hoje (Elle Brasil, 2008).



Figura 65- Pantera ícone da marca Cartier
Fonte: http://www.infojoia.com.br/news_portal/noticia_6393

6.2 TIFFANY & CO

Fundada em no ano de 1834, nos Estados Unidos, Tiffany & Co começou comercializando peças importadas do Velho Continente. Onze anos depois de sua fundação, a marca começou a produzir peças próprias (D'ANGELO 2006).

Sua história ganhou destaque na década de 1870, ano em que a empresa adquiriu o maior diamante do mundo, com 287 quilates. Outra inovação da marca se deu em 1886, quando a empresa apresentou uma nova e exclusiva cravação de pedras, que levou o nome de "cravação Tiffany".

Ao longo de sua história, a Tiffany sempre acompanhou a moda e a arte, traduzindo de forma singular o estilo de cada época. Em 1961, o charme e a sofisticação da joalheria se eternizou com o filme "Bonequinha de Luxo", com Audrey Hepburn traduzindo o fascínio das mulheres pelas joias, usando maravilhosas peças, entre elas um colar com as famosas pérolas Tiffany.



Figura 66- Audrey Hepburn em “Bonequinha de Luxo”, usando um colar de pérolas Tiffany
Fonte: <http://contigo.abril.com.br>

As pérolas sempre tiveram um importante papel nas coleções da Tiffany, reconhecidas internacionalmente pela sua qualidade e tendo por muito tempo em sua história, os colares de pérolas como as peças mais valiosas das coleções.

Símbolo de elegância e glamour, a Tiffany permanece até hoje como símbolo de luxo e sofisticação no ramo da joalheria.

6.3 BULGARI

Sotiro Bulgari, de origem grega, mudou-se para Roma e abriu sua primeira loja de objetos preciosos, em 1884. A marca introduziu um novo conceito na joalheria da época, ao fazer uso de pedras coloridas incrustadas com diamantes sobre o ouro. Suas jóias eram compactas, com um visual um pouco pesado, porém a pureza de suas formas e a harmonia das pedras tornavam a jóia inconfundível em seu estilo (CORBETTA, 2007).

De acordo com Corbetta (2007, p. 79), “Bulgari alcançou fama internacional no final dos anos 70, ao produzir joias casuais e usáveis, que ao mesmo tempo eram sofisticadas”, ficando conhecida mundialmente.

Segundo nos conta Gola (2008), Bulgari direcionou a moda da joalheria para o estilo clean e despojado, enfatizando as peças sem garras, o pavê de diamantes em estilo jovem e mais leve.



Figura 67- Anel Serpent Bulgari, com cravação pavê
Fonte: <http://www.bulgari.com>

6.4 VAN CLEEF & ARPEL

Sua história começa em 1896, com o casamento entre a filha de um negociante de pedras preciosas e irmã de dois peritos em gemologia, e o filho de um joalheiro. Pouco tempo depois do casamento, o noivo associou-se ao sogro para estabelecer um negócio no ramo da joalheria. Em 1906, a marca inaugurou sua primeira loja, em Paris, tornando-se uma das primeiras maisons de luxo da França.

Aproximadamente 20 anos depois, veio o sucesso e a conquista de grandes clientes da alta-sociedade européia e norte-americana.

A marca ficou conhecida pelo uso de libélulas e borboletas e por produzir as joias florais mais espetaculares da época (Gola, 2008). Segundo a mesma autora, a técnica de corte calibré foi criada por eles. Essas pedras em corte calibré eram utilizadas em engastes invisíveis, nos quais as pedras eram perfuradas partindo de trás e montadas lado a lado, permitindo uma superfície contínua de pedras, sem interrupções. Essa técnica era tão diferenciada, que era chamada na época de técnica misteriosa, pois inicialmente, era de difícil compreensão.



Figura 68- Broche com cravação calibré de safiras e diamantes de Van Cleef & Arpels
Fonte: <http://www.infojoia.com.br>

6.5 H.STERN

Após citarmos joalherias renomadas internacionalmente, torna-se relevante citar a joalheria nacional H.Stern, por ser uma empresa brasileira que obteve sucesso e destaque no mercado mundial de joias de luxo, no qual o Brasil tem pouca tradição.

Criada pelo alemão Hans Stern, que chegou ao Brasil em 1939, trabalhando com exportação de cristais e pedras coloridas, veio a abrir seis anos depois, no Rio de Janeiro, uma empresa no ramo do comércio e exportação de pedras.

Segundo nos conta Magtaz (2008), ao perceber o interesse dos estrangeiros por gemas coloridas, Hans passou a trabalhar com produção de joias e lapidação de

pedras, fazendo crescer não apenas o seu negócio, como também o interesse internacional pelas gemas de cor, que começaram a ser valorizadas e passaram a ser chamadas de pedras brasileiras.



Figura 69- Anel H.Stern, em ouro amarelo e pedras brasileiras: citrino e quartzo rosa
Fonte: <http://www.hstern.com.br>

No início dos anos 50, a marca H.Stern começava a brilhar no cenário internacional, mostrando a joalheria brasileira para o mundo. Hoje, a marca é sinônimo de bom gosto e prestígio em importantes cidades ao redor do mundo.

7. JOIAS PARA OS PÉS

Pode-se perceber uma grande semelhança e proximidade entre os calçados e as joias. Nesse sentido, optamos por uma finalização da primeira parte do trabalho, fazendo uma ligação entre esses dois acessórios, unindo o tema pesquisado até então e a proposta final do projeto. Esse capítulo será apenas uma introdução para segunda parte do trabalho, que continuará de forma mais aprofundada no TCC II.

Ao abordarmos as semelhança entre esses dois adornos, podemos apontar que os sapatos, assim como as joias, também já foram feitos sob encomenda, tomando-se a medida dos pés para sua execução. Outra semelhança percebida entre eles foi pega emprestada de Motta (19-?), que afirma que os calçados sempre foram, e em grande parte ainda são produzidos manualmente, da mesma forma que as joias. No que se refere ao material utilizado na execução desses acessórios, pode-se destacar que nos dois casos a matéria-prima empregada é nobre, tanto o couro, quanto o ouro. Historicamente, o trato com a matéria-prima empregada nesses produtos, sempre esteve nas mãos de classes humildes, e o uso do produto final, ligado às classes nobres.

Neste sentido, é Mancebo (2008) que nos conta que “os sapatos [...] que cobriam os pés dos nossos antepassados, tornando mais confortável o ato de caminhar, ganham hoje o status de joias, ao serem adornados com pedras e metais preciosos, dentre outros materiais.”

Inicialmente, o uso de calçados surgiu entre as primeiras sociedades, com a função de proteção aos pés, porém logo em seguida, aparecem registros de demonstração de criatividade nas confecções rudimentares, ampliando os significados de proteção e funcionalidade dos calçados, para objetos de adorno.

Pegando emprestada a idéia do autor Renado Wagner (1980), pode-se notar que este desejo humano de enfeitar-se, parece ter iniciado de forma instintiva, no entanto, segundo ele, “se analisarmos psicologicamente, chegaremos obrigatoriamente à procura de diferenciação entre as pessoas” (WAGNER 1980, p. 15), o que demonstra que esses adornos sempre foram usados para fazer com que os indivíduos tentassem uma personalização perante um grupo.

Ao longo da história, a moda vai reinventando-se, surgindo o conceito de customização, onde há uma personalização na qual o usuário interfere nos produtos, criando novas propostas, com o objetivo de se diferenciar dos demais. Neste sentido, surge a glamourização nos calçados, como uma nova proposta de moda, onde o brilho e os artigos de luxo fazem parte desse segmento.

O uso de pedrarias em calçados e acessórios de moda ultrapassa a barreira do tempo, pois além de sempre terem sido vistas como objeto de desejo pelo público feminino, são muito usadas ao longo da história pelos estilistas com o intuito de embelezar e agregar riqueza a suas peças.

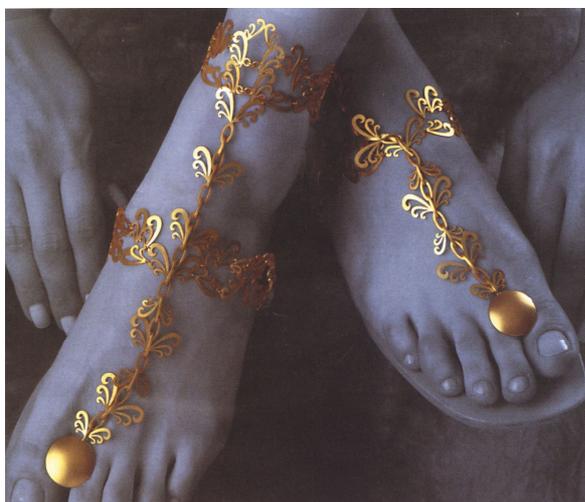


Figura 70- Sandália confeccionada em ouro amarelo
Fonte: GOLA 2008.

A utilização desses enfeites e pedrarias nos calçados, segundo a autora Lilian Mancebo (2008), tem a “[...] função de decorar, de acordo com o estilo pessoal ou de época, ou para se vestir de modo especial, mas, principalmente, é um toque sensual muito apreciado para quem usa e para quem observa”.

A mesma autora cita os calçados de Manolo Blanick, Chanel, Prada, Roger Vivier, os extravagantes acessórios criados por Versace, ou ainda as sofisticadas criações de Maurício Medeiros como alguns exemplos de marcas que utilizam de diversos acessórios e pedrarias em suas criações, marcando um estilo único e agregando valor aos seus produtos.

CONCLUSÃO

Os estudos da primeira etapa do projeto (TCC I) objetivou aprofundar os conhecimentos no que se diz respeito a joia com objeto de adorno. Através deste estudo, ficou mais fácil compreender esse adorno que até hoje faz parte da produção do vestir. Para sua interpretação, fez-se necessário considerar elementos históricos, estilos e formas, características culturais, materiais e processos de fabricação.

Os ornamentos de um modo geral, sempre estiveram presentes na história humana. Os traços dessa história e sua evolução abrangem desde a pré-história, passando por diversas civilizações e percorrendo diversos estilos, demonstrando que a arte da joalheria já era bem desenvolvida desde os primórdios, sendo usada até hoje, em que mesmo não havendo mais um ritual para seu uso, as jóias ainda são utilizadas por questões simbólicas e sentimentais.

Pode-se observar também, que além das joias possuírem significados, as pessoas atribuem significados a elas, justificando assim, a sua própria funcionalidade, ou seja, resultando num conjunto de significados que traduzem a qualificação as mesmas.

As joias, assim como a arte, falam por si, ocupam o lugar de palavras e gestos. Desta forma, tornam-se um meio de comunicação entre quem as usa e o mundo quem as vê, transmitindo mensagens conforme as próprias intenções e necessidades do usuário.

No que diz respeito ao luxo, analisamos suas manifestações através da história, além de sua contextualização e a maneira como ele é percebido pelas sociedades ao longo dos tempos. Desta forma, notamos que apesar da essência continuar a mesma, o luxo vem tomando novos caminhos e significados ao longo dos tempos, desmaterializando-se e deixando de ter como objeto o produto em si, deslocando-se para inúmeros universos, repletos de sentimentos, necessidades e valores.

Pode-se perceber que a joalheria de luxo se dá nos pequenos detalhes, com a utilização tanto de materiais nobres, quanto culturais. Neste sentido, notou-se que além dos materiais empregados, cada processo do desenvolvimento de uma joia

também é de suma importância na execução da peça, para que o produto final saia perfeitamente como planejado.

Quando as marcas de luxo do ramo joalheiro, viu-se que seus produtos são desenvolvidos levando em conta cada detalhe, pensados para que possam fazer com que seus consumidores sintam-se realizados ao usarem suas peças. Portanto, a marca também é essência de luxo, uma vez que transmite glamour e satisfaz o usuário.

Notou-se ainda, inúmeras semelhanças entre as joias e os calçado, tais como exclusividade, processo artesanal, uso de materiais nobres e produção por classes humildes com o uso das classes nobres. Desta maneira, optamos por fazer uma ligação entre esses dois acessórios de moda, unindo o tema pesquisado com a proposta final do projeto.

Este trabalho é uma pesquisa que está em andamento e será aprofundada em um segundo momento, no TCC II. Para tanto, as metodologias utilizadas para a elaboração deste projeto foram pesquisas bibliográficas e iconográficas, que forneceram um material de pesquisa rico em informações que auxiliarão no próximo passo.

Desta maneira, a partir de informações levantadas nesta etapa do trabalho, referente à história da joia, o luxo, os simbolismos que elas representam, os materiais e os processos utilizados em sua produção, as marcas famosas e até mesmo sua ligação com o calçado, constituiu-se numa base de inspiração que auxiliarão na criação de um painel de inspirações, a fim de auxiliar no desenvolvimento da segunda parte do trabalho, a coleção final.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Titta. **Acessórios - por que, quando e como usá-los**. São Paulo: SENAC, 2008.

ALEANDRI, Cesar. **Joias, mercado, tecnologia e tradição**. [200-?]. Disponível em <<http://www.joiabr.com.br/artigos/caleand1009.html>>. Acesso em: 07 abr. 2010.

ALLÉRÈS, Danielle. **Luxo... Estratégias/ Marketing**. Rio de Janeiro: Editora FGB, 2006.

ALIBABA. Apresenta produtos e imagens de diferentes tipos. Disponível em <http://img.alibaba.com/photo/103653226/Indian_Jewelry.jpg>. Acesso em: 28 mai. 2010.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

BLACK, Anderson. **Storia dei Gioielli**. Novara: Instituto Geográfico de Agostini, 1973.

BULGARI. Apresenta site oficial da marca Bulgari. Disponível em <<http://www.bulgari.com>>. Acesso em: 23 mai. 2010.

CASTARÈDE, Jean. **O luxo: os segredos dos produtos mais desejados do mundo**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2005.

CASTILHOS, Katia; VILLAÇA, Nízia. **O Novo Luxo**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006.

CELSONO DORNELLES. Apresenta peças e trabalhos feitos pelo Designer. Disponível em <<http://celsodornelles.blogspot.com>>. Acesso em: 28 mai. 2010.

CLARKE, Cathrine. (19-?). **A Joalheria de Arte Pós-moderna**. Disponível em: <<http://www.katesjewelry.com.br/artigo1.htm>>. Acesso em: 22 mai.2010.

CODINA, Carles. **A Joalheria: A técnica e a arte da joalheria explicadas com rigor e clareza**. Lisboa: Editorial Estampa, 2000.

CODINA, Carles. **A Ourivesaria: A técnica e a arte de trabalhar os metais e talhar as gemas explicadas com rigor e clareza.** Lisboa: Editorial Estampa, 2002.

CORBETTA, Gloria. **Joalheria de Arte.** Porto Alegre: AGE, 2007.

D'ANGELO, André Cauduro. **Precisar, não precisa: Um olhar sobre o consumo de luxo no Brasil.** São Paulo: Lazuli Editora, 2006.

DORNELLES, Celso. **A história da joia é tão antiga quanto a vaidade humana.** [200-?]. Disponível em <http://www.portaldasjoias.com.br/historia_da_joia.htm>. Acesso em: 16 mai. 2010.

_____. Curiosidades sobre alianças, lendas e estilos de alguns povos. **Golf Sul**, Porto Alegre, RS, v.4, n.2, p.20-21, abr. 2004.

_____. **Joalheria Irlandesa.** [200-?]. Disponível em <http://www.portaldasjoias.com.br/Marco_03/Historia_Joia/historia_da_joia.htm>. Acesso em: 30 mai. 2010.

EDMONDE, Charles-Roux. **A Era Chanel.** Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ERNER, Guillaume. **Vítimas da Moda? Como a criamos, por que a seguimos.** São Paulo: SENAC São Paulo, 2005.

FAGGIANI, Kátia. **Tendências da Joalheria Brasileira.** [200-?]. Disponível em: <<http://www.portaldasjoias.com.br>>. Acesso em: 03 mai. 2010.

_____. **Ecodesign News.** 2006. Disponível em <<http://www.designbrasil.org.br>>. Acesso em: 12 mai. 2010.

_____. **O Novo Luxo.** 2006. Disponível em <<http://www.designbrasil.org.br/artigo/o-novo-luxo>>. Acesso em: 12 mai. 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** Curitiba: Positivo, 2004.

FONTOURA, Ivens. **Design de Jóias no Brasil (V)**. [200-?]. Disponível em <<http://www.designbrasil.org.br/designdesigner/design-de-joias-no-brasil-v>>. Acesso em: 12 mai. 2010.

GOLA, Eliana. **A Jóia: história e design**. São Paulo: SENAC, 2008.

_____. **Os elegantes anos 50 e a joia contemporânea**. 2009. Disponível em <http://www.infojoia.com.br/news_portal/noticia_6393>. Acesso em: 23 mai. 2010.

HOLBECHE, Soozí. **O Poder das Pedras Preciosas e dos Cristais: Como eles podem transformar a sua vida**. São Paulo, Cultrix Ltda, 1999.

HOWARTH, Eva. **Breve História da Arte: Antigo Egíto**. Lisboa: Presença, 1993.

H.STERN. Apresenta site oficial da marca H.Stern. Disponível em: <<http://www.hstern.com.br>>. Acesso em: 24 mai. 2010.

IBGM. **A Jóia, o Jovem e o Luxo Emocional**. Brasília: IBGM, 2006.

JOIA BR. Apresenta tudo relacionado a joias. Disponível em <<http://www.joiabr.com.br/moda/mt0306a.html>>. Acesso em: 30 mai. 2010.

JOIA BRASIL. Apresenta peças de joalheria. Disponível em <<http://www.joiasbrasil.com.br>>. Acesso em: 30 mai. 2010.

KLEIN, Richard. **As jóias falam: uma tese romanceada**. Tradução de Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

KUROSAWA, Mariângela. **Jóias: uma saída a enfermidade**. São Paulo: UNISAL Americana, 2006. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Curso de Moda, Centro Universitário Salesiano de São Paulo, UNISAL, São Paulo, SP, 2006.

LEXIKON, Herder. **Dicionário de Símbolos**. 3. Ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

LIPOVETSKY, Gilles; ROUX, Elyette. **O luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MADAME Cartier. **Elle Brasil**, São Paulo, SP: Ed. Abril, v.22, n. 2, fev. 2008.

MAGTAZ, Mariana. **Joalheria Brasileira: do descobrimento ao século XX**. Brasília: Mariana Magtaz, 2008

MANCEBO, Liliane de Araújo. **Guia prático para o desenho de jóias, bijuterias e afins**. Novo Hamburgo: Feevale, 2008.

MILLIDGE, Judith. **Gemas: Guia prático**. São Paulo: Nobel, 1998.

MARIANA Cidade. Apresenta peças e trabalhos feitos pela Designer. Disponível em <<http://mcjoias.blogspot.com>>. Acesso em: 27 mai. 2010.

MOTTA, Biane. **A joalheria do estilo barroco**. 2008. Disponível em: <http://www.portaldasjoias.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=203&Itemid=30>. Acesso em: 05 abr. 2010.

MOTTA, Eduardo. **O calçado e a Moda no Brasil: um olhar histórico**. [S.l]: ASSINTECAL, [19-?].

NATAN. Apresenta site oficial da marca Natan. Disponível em <<http://www.natan.com.br>>. Acesso em: 29 mai. 2010.

PEDROSA, Julieta. **Aspectos econômicos e sociais das joias na Idade Média – Parte I**. [200-?]. Disponível em <<http://www.joiabr.com.br/artigos/mai04.html>>. Acesso em: 15 mai. 2010.

_____. **A história da joalheria**. [200-?]. Disponível em <<http://www.joiabr.com.br/artigos/hist.html>>. Acesso em: 28 mar. 2010.

_____. **Joalheria Grega**. [200-?]. Disponível em <<http://www.joiabr.com.br/artigos/grega.html>>. Acesso em: 25 mai. 2010.

_____. **Joalheria Indiana**. [200-?]. Disponível em <<http://www.joiabr.com.br/artigos/indian1.html>>. Acesso em: 25 mai. 2010.

_____. **Simbologia na joalheria egípcia**. [200-?]. Disponível em <<http://www.joiabr.com.br/artigos/abr09.html>>. Acesso em: 06 abr. 2010.

PEIXE, Patrícia. **Ferramentas: Laminador**. [200-?]. Disponível em <<http://www.joiabr.com.br/joiamix/0109.html>>. Acesso em 30 mai. 2010.

_____. **Ferramentas: Trefilação**. [200-?]. Disponível em <<http://www.joiabr.com.br/joiamix/0309.html>>. Acesso em 23 mai. 2010.

_____. **Prata**. [200-?]. Disponível em <<http://www.joiabr.com.br/joiamix/0708.html>>. Acesso em: 27 abr. 2010.

_____. **Ouro**. [200-?]. Disponível em <<http://www.joiabr.com.br/joiamix/0608.html>>. Acesso em: 27 abr. 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

REDE PAREDE. Apresenta peças de joalheria para venda. Disponível em <<http://redeparede.com.br/sao-paulo/a-venda/joias/posts/brincos-argola-de-prata-925-174195>>. Acesso em: 27 mai. 2010.

ROSA, Ana Paula Fernandes. **Jóias em aço inoxidável: Proposta para produção artesanal**. Florianópolis: 2006. 96 f. Tese (Mestrado em Engenharia de Produção com concentração em Ergonomia) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, SC, 2006.

SALEM, Carlos. **Jóias Os Segredos da Técnica**. São Paulo. Gráfica Newpress, 2000.

SIQUEIRA, Cidda; MACHADO, Regina. **Jóias: Tendências 2003**. Brasília: IBGM, 2003.

SORCINELLI, Paulo. **Estudar a Moda: Corpos, vestuário, estratégias**. São Paulo: SENAC, 2008.

STREHLAU, Suzane. **Marketing do luxo**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SYM, Aline. **O valor do ouro: da valorização à valorização**. [S.l]: [s.n]. 2008. 7 p.

TREPTOW, Doris. **Inventando Moda: Planejamento de coleção**. 4.ed. Brusque: Ed. Do Autor, 2007.

WAGNER, Renato. **Joia Contemporânea Brasileira**. São Paulo: Editora S.A, 1980.